



# **Proposta de Reabilitação da Villa Cruz, em Trancoso: do Passado ao Futuro**

**Tânia Rafaela Silva da Silva Pereira**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(mestrado integrado)

Orientadora: Professora Doutora Inês Daniel de Campos

**novembro de 2020**



# Agradecimentos

No decorrer destes anos de estudo relacionados com a área da arquitetura, foram várias as pessoas que tiveram grande “peso” neste percurso académico e que contribuíram, cada um de seu modo, para alcançar o final desta etapa de obtenção do grau mestre.

Assim sendo, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Inês Daniel de Campos, que para além de me acompanhar ao longo desta dissertação, esteve presente desde o início do meu percurso nesta academia, mostrando-se sempre disponível para me ajudar a ultrapassar qualquer obstáculo.

Em especial, quero agradecer ao Exmo. Sr. Carlos Pena e sua mãe Sra. D. Teresa Pena, pela gentileza da abertura das portas da sua propriedade, permitindo inúmeras visitas ao edifício em questão e sem as quais não teria sido possível realizar este trabalho. Agradeço ainda a amabilidade do Sr. Fernando que sempre se mostrou disponível em todas as vezes que acedi à propriedade.

Agradeço à minha prima, Sra. D. Maria Luísa Saldanha, por todo o carinho, com que facilitou e esclareceu qualquer incerteza em relação à história familiar das gerações que habitaram a Villa Cruz e ao seu filho Dr. Pedro Saldanha pois sem os seus livros referentes a Trancoso e à genealogia da família, a pesquisa teria sido um caminho muito mais complexo ou até mesmo impossível.

Ao Sr. Carlos Pessoa pela incansável preocupação, revelando sempre disponibilidade para esclarecer qualquer dúvida que pudesse surgir.

À Câmara Municipal de Trancoso pelo fornecimento dos documentos existentes referentes ao edifício em estudo, assim como outros que serviram de investigação referente ao tema.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer à minha família, isto é, ao meu pai, irmão, tias e avó, pelo incentivo durante todo este percurso, com a certeza de que sem eles nada disto seria possível, e aos meus amigos que estando perto ou longe sempre me apoiaram e acreditaram nas minhas capacidades, em especial aquelas que nunca me deixaram perder o foco, obrigada Cláudia F, Joana, Mariana e Rute.



# Resumo

A presente dissertação aborda o tema da reabilitação de edifícios com uma proposta para um edifício senhorial em Trancoso. Este é um tema pertinente na medida em que existem por todo o país variadas construções que se encontram num deteriorado estado de conservação, sobretudo nos centros históricos, que devem ser recuperadas de modo a potencializar todo o seu valor, como o caso a ser estudado, facultando-lhes novas funcionalidades sempre com foco nas necessidades atuais.

Inicialmente, será realizado uma pesquisa sobre o edifício a intervir de seu nome “Villa Cruz” e o seu levantamento, que está situado na Cidade Medieval de Trancoso. Esta dissertação tem como objetivo a preservação do existente, pois os edifícios antigos são donos de uma identidade cultural única que deve ser salvaguardada. Conhecer a história do edifício é fundamental para compreender a sua identidade, assim como, as memórias, que fazem parte da herança cultural.

É de salientar que o município de Trancoso, tem várias iniciativas e incentivos no que diz respeito à reabilitação do centro histórico, e na sua envolvente, como é o caso do Palácio Ducal e do Castelo de Trancoso. A autarquia, pretende desse modo, desenvolver vários projetos que criem uma maior dinâmica na cidade apoiando as áreas da arte e do turismo, demonstrando uma oferta diferenciadora com a finalidade de promover a região.

Pretende-se, com este estudo, elaborar uma proposta de reabilitação para a antiga casa senhorial, que foi habitação da família dos Condes de Tavadede, família ilustre na cidade onde esta se insere. Trata-se de um edifício do século XX, que possui uma vasta história não só pelas várias gerações que por ali passaram, como também pelas épocas de construção. Por se encontrar num degradado estado de conservação, necessita assim urgentemente de intervenção de modo a salvaguardar toda a sua herança cultural. O foco principal da proposta passa pela criação de uma pousada que relacione as casas principais recuperadas com um novo corpo que se encastra no terreno. É preservado o jardim existente com a sua fonte e percursos, bem como todo o espaço arbóreo existente. O novo corpo com funções sociais e com uma ala de museu, faz a separação desses dois jardins com características diferentes e únicas, para que quem visite este lugar tenha diferentes sensações visuais, olfativas e auditivas.

## Palavras-chave

Reabilitação; Arquitetura; Identidade; Trancoso



# Abstrat

The present dissertation addresses the thematic of building rehabilitation, through a proposed approach of a manor house in Trancoso. It is a pertinent theme, as there are several buildings throughout the country with an advanced degradation status, particularly in the city's historical centers, and so should be recovered to enhance all its value as worthy study cases, providing them with new functions as a response to societies actual needs.

Initially, a survey will be carried out about the studied building, named “Villa Cruz” and located in the medieval city of Trancoso. This dissertation aims to preserve the existing, as is believed the old buildings have a unique cultural identity that must be safeguarded. Be aware of the building's past is an essential step to understand its identity, as well as the memories that form its cultural heritage.

It should be noted that the municipality of Trancoso has several initiatives and incentives concerning the rehabilitation of the historic centers and in its surroundings, as it's the case of the Palácio Ducal and the Castle of Trancoso. For this purpose, the municipality intends to develop several projects aiming to dinamize the city and support the areas of the Arts and Tourism, presenting a differentiating offer to promote the region.

This study elaborates a rehabilitation proposal for the old manor house, which was once home to the Earls of Tavarede, an illustrious portuguese family in Trancoso. Being a 20th century building, it has its long history semented by several generations that passed through it, but also by different construction periods. Due to its degradation status, the building urgently needs an intervention to safeguard its entire cultural heritage. The main focus of the proposal is the creation of a guesthouse that corelates the two recovered main houses, forming a new body embedded in the land. The existing gardens, fountain and paths are preserved, and so it happens with the arboreal space. The new body, with social functions and a museum wing, separates these two gardens with different and unique characteristics, allowing visitors to experiment a multiplicity of visual, olfactory and auditory sensations.

## Key Words

Rehabilitation; Architecture; Identity; Trancoso



# Índice

1. Introdução	1
1.1 Justificação do Tema	1
1.2 Objetivos	1
1.3 Metodologias	2
2. Reabilitação de Edifícios	3
2.1 Noção de Reabilitação e a sua Evolução ao Longo dos Tempos	3
2.2 Conceitos que Conformam a Reabilitação	6
2.3 Princípios de Intervenção	7
3. Casos de Estudo	9
3.1 Pousada de Santa Maria do Bouro	9
3.2 Pousada de Santa Marinha	18
3.3 Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa	25
3.4 Justificação dos Casos de Estudo	29
4. Villa Cruz – Trancoso	30
4.1 Enquadramento Histórico	30
4.1.1 Trancoso e a sua Relação com a Reabilitação	33
4.1.2 Castelo de Trancoso	36
4.2 Análise do Local de Intervenção	41
4.2.1 Levantamento da Villa Cruz	44
4.2.2 Estado de Conservação da Villa Cruz	50
5. Proposta Conceptual para Villa Cruz	53
5.1 Conceito	53
5.2 Programa	57
5.3 Memória Descritiva e Justificativa	61
5.3.1 Construção e Natureza dos Materiais a Aplicar (Generalidades)	63
6. Conclusão	68
7. Bibliografia	69
8. Anexos	72



# Lista de Figuras

**Figura 1** – Tânia Silva Pereira. "Villa Cruz" Vista Exterior. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 2** – Elisabete Reis. Pousada de Santa Maria do Bouro - Exterior. (IMAGEM) Fonte: (Wikipédia, 2008). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A\\_Pousada\\_de\\_Santa\\_Maria\\_do\\_Bouro.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A_Pousada_de_Santa_Maria_do_Bouro.jpg) (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 3** - Catarina Botelho. Vista Panorâmica para o Exterior. (IMAGEM) Fonte: (Blog "Trabalho Fotográfico Comercial", 2010) Disponível em: <http://trabalhofotograficocomercial.blogspot.com/p/arquitectura.html> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 4** - Catarina Botelho. Cobertura Ajardinada. (IMAGEM) Fonte: (Blog "Trabalho Fotográfico Comercial", 2010) Disponível em: <http://trabalhofotograficocomercial.blogspot.com/p/arquitectura.html> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 5** - Luís Ferreira Alves. Pátios das Laranjeiras. (IMAGEM) Fonte: (Archdaily, 2015) Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 6** - Diana Vieira. Restaurante da Pousada. (IMAGEM) Fonte: (Blog "Instituto Futurista", 2008) Disponível em: <http://institutofuturista.blogspot.com/2007/05/arquitecturas-maravilhosas-souto-moura.html> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 7** - Luís Ferreira Alves. Piscina Exterior. (IMAGEM) Fonte: (Archdaily, 2015) Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 8** - Autor Não Identificado. Interior de Quarto. (IMAGEM) Fonte: (Revista Frontline, 2015) Disponível em: <https://www.revistafontline.com/hoteis-check-in/pousada-de-amares/> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 9** – Fernando Távora. Planta de Implantação. (PLANTA DE IMPANTAÇÃO) Fonte: (Universidade do Porto, 1972) Disponível em: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/pousada-de-santa-marinha-2> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 10** – Pedro Sampayo Ribeiro. Pousada de Santa Marinha - Vista Exterior. (IMAGEM) Fonte: (Lista de Expositores BTL, 2020) Disponível em: [https://btl.fil.pt/lista-de-expositores-2/?lang=en&exp\\_page=19](https://btl.fil.pt/lista-de-expositores-2/?lang=en&exp_page=19) (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 11** – Autor Não Identificado. Vista do Claustro. (IMAGEM) Fonte: (Pousadas, 2020) Disponível em: [https://www.pousadas.pt/pt/hotel/pousada-guimaraes?gclid=CjwKCAjwlejcBRAdEiwAAbj6KTeB\\_7bgOeARy8Km24crVXXGRZAfshn4uEAY\\_1BCKhwFteX\\_wPMLZxoCtngQAvD\\_BwE&gclid=aw.ds](https://www.pousadas.pt/pt/hotel/pousada-guimaraes?gclid=CjwKCAjwlejcBRAdEiwAAbj6KTeB_7bgOeARy8Km24crVXXGRZAfshn4uEAY_1BCKhwFteX_wPMLZxoCtngQAvD_BwE&gclid=aw.ds) (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 12** – Patrícia Brito. Teto da Sala de Estar da Pousada. (IMAGEM) Fonte: (Upmagazine, 2012) Disponível em: [http://upmagazine-tap.com/pt\\_artigos/pousada-de-santa-marinha-guimaraes/](http://upmagazine-tap.com/pt_artigos/pousada-de-santa-marinha-guimaraes/) (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 13** – Fernando Távora. Planta do Piso 1, Pousada de Santa Marinha. (PLANTA) Fonte: (Universidade do Porto, 1983) Disponível em: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/pousada-de-santa-marinha-2> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 14** - Fernando Távora. Planta do Piso 2, Pousada de Santa Marinha. (PLANTA) Fonte: (Universidade do Porto, 1983) Disponível em: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/pousada-de-santa-marinha-2> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 15** – Fernando Távora. Planta do Piso 3, Pousada de Santa Marinha. (PLANTA) Fonte: (Universidade do Porto, 1983) Disponível em: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/pousada-de-santa-marinha-2> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 16** – Fernando Távora. Planta do Piso 4, Pousada de Santa Marinha. (PLANTA) Fonte: (Universidade do Porto, 1983) Disponível em: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/pousada-de-santa-marinha-2> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 17** – André Duarte Baptista. Pousada de Santa Marinha. (IMAGEM) Fonte: (Blog André Duarte Baptista, 2018) Disponível em: <https://andreduarte baptistaarq.blogspot.com/2018/08/pousada-santa-maria-mosteiro-de.html> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 18** - André Duarte Baptista. Pousada de Santa Marinha. (IMAGEM) Fonte: (Blog André Duarte Baptista, 2018) Disponível em: <https://andreduarte baptistaarq.blogspot.com/2018/08/pousada-santa-maria-mosteiro-de.html> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 19** – Fernando Távora. Alçado Principal, Pousada de Santa Marinha. (ALÇADO) Fonte: (Martins, António "Reabilitação da Quinta da Graça para "Hotel de Charme" Contributo para uma metodologia, Universidade Técnica de Lisboa, 2010, p.37)

**Figura 20** - Tânia Silva Pereira. Vista Exterior para o Rio. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 21** - Rebelo & Pimentel. Planta de Implantação. (PLANTA) Fonte: (Archdaily, 2012) Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel?ad_medium=gallery) (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 22** - Tânia Silva Pereira. Perspetiva Exterior da Rampa. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 23** - Tânia Silva Pereira. Perspetiva Interior da Rampa. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 24** - Tânia Silva Pereira. Vista Exterior do Museu. Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 25** - Rebelo & Pimentel. Corte-Alçado. (CORTE-ALÇADO) Fonte: (Archdaily, 2012) Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel?ad_medium=gallery) (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 26** - Néelson Garrido. Métrica de Vãos. (IMAGEM) Fonte: (Archdaily, 2012) Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel?ad_medium=gallery) (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 27** – Pedro Quadros Saldanha. 3º Conde de Tavarede. (IMAGEM) Fonte: (Saldanha, Pedro Quadros "Trancosanos: história & genealogia, séculos XVI-XIX" - [Mêda]: Casa da Prova, 2010. - 2 v. 2010, p.551)

**Figura 28** – Autor Não Identificado. D. Maria Joana em criança ao colo de sua mãe. (IMAGEM) Fonte: (Genealogy, 2016) Disponível em: <https://www.geni.com/people/Maria-Justina-Ribeiro-de-Melo/6000000022395194230> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 29** - Autor Não Identificado. Dr. Aleu Saldanha. (IMAGEM) Fonte: (FMUL, 2010) Disponível em: [http://memoria.ul.pt/index.php/Ficheiro:Cruz-Aleu\\_Almada\\_Saldanha\\_Quadros\\_e.jpg](http://memoria.ul.pt/index.php/Ficheiro:Cruz-Aleu_Almada_Saldanha_Quadros_e.jpg) (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 30** – Tânia Silva Pereira. Torre Existente, Villa Cruz. Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 31** – CMT. Planta de Delimitação da Área de Reabilitação Urbano do Centro Histórico de Trancoso. (PLANTA) Fonte: (CMT, "Proposta de Reabilitação do Centro Histórico de Trancoso" Memória Descritiva e Justificativa, dezembro de 2015)

**Figura 32** - CMT. Desenvolvimento da Cerca Urbana. (IMAGEM) Fonte: (CMT, Panfleto "Núcleo Amuralhado", Circuito Cultural Trancoso, Aldeias Históricas de Portugal, 2019)

**Figura 33** – Margarida Conceição. Planta do Castelo de Trancoso antes da Reabilitação. (IMAGEM) Fonte: (SIPA,1992/1998) Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056) (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 34** – Pedro Quadros Saldanha. Casas do Castelo. (IMAGEM) Fonte: (Saldanha, Pedro Quadros "Trancoso, uma monografia: a vila, o seu campo, o seu aro e as suas freguesias", 2016, p.51)

**Figura 35** – Duccio Malagamba. Entrada do Castelo de Trancoso atualmente. (IMAGEM) Fonte: (Revista Casabella 830, 2007, p.47)

**Figura 36** - Tânia Silva Pereira. Vista Exterior do Castelo. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 37** - Duccio Malagamba. Escadaria Interior. (IMAGEM) Fonte: (Revista Casabella 830, 2007, p.50)

**Figura 38** – Tânia Silva Pereira. Vistas Exteriores da Plataforma para Espetáculos e do Ponto de Turismo. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 39** – Autor Não Identificado. Localização Geográfica de Trancoso. (IMAGEM) Fonte: (SNS, 2019) Disponível em: <http://www.ulsguarda.min-saude.pt/category/servicos/saudepublica/> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 40** - CMT. Planta de Zona Especial de Proteção de Trancoso. (PLANTA) Fonte: (Planta Facultada pela CMT, 2019)

**Figura 41** - Inês Teixeira. Vista Exterior de Villa Cruz no inverno. (IMAGEM) Fonte: (Blog Colectiva, 2020) Disponível em: <https://colectiva.pt/2020/01/25/explorar-as-aldeias-historicas-trancoso/> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 42** - Autor Não Identificado. Fotografia Aérea da Propriedade. (IMAGEM) Fonte: (Google Maps, 2020) Disponível em: <https://www.google.pt/maps/place/Trancoso/@40.777069,-7.3525087,549m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd3c93e40a32f5bf:ox5b36dc3557a3a702!8m2!3d40.777069!4d-7.35032> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 43** – Tânia Silva Pereira. Casa dos Caseiros. Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 44** – Tânia Silva Pereira. Planta do Existente, Piso -1. (PLANTA) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 45** – Tânia Silva Pereira. Planta do Existente, Piso 0. (PLANTA) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 46** - Tânia Silva Pereira. Salão (Tetos e Lareira). (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 47** – Tânia Silva Pereira. Piso de Acesso à Torre. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 48** – Tânia Silva Pereira. Detalhe Tetos de Quarto em Rosa. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 49** - Tânia Silva Pereira. Detalhe Tetos de Quarto. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 50** – Tânia Silva Pereira. Planta do Existente, Piso 1. (PLANTA) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 51** - Tânia Silva Pereira. Ameias Torre da Villa Cruz. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 52** – Tânia Silva Pereira. Planta de Cobertura Existente. (PLANTA) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 53** – Tânia Silva Pereira. Vista Exterior Edifício 2. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 54** - Tânia Silva Pereira. Interior do Edifício 2, atualmente. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 55** - Tânia Silva Pereira. Interior de Sala. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 56** - Tânia Silva Pereira. Escadaria em Madeira Existente. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 57** - Tânia Silva Pereira. Porta de Entrada a Manter. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 58** - Tânia Silva Pereira. Vista Interior da Marquise, atualmente. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 59** - Tânia Silva Pereira. Pormenor de Vãos Edifício 1. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 60** - Tânia Silva Pereira. Pormenor de Vãos Edifício 2. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 61** - Tânia Silva Pereira. Fonte Existente. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 62** - Tânia Silva Pereira. Portão Principal da Villa Cruz. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 63** - Tânia Silva Pereira. Simetrias que serviram de apoio ao Conceito. (PLANTA) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 64** - Tânia Silva Pereira. Corte-Alçado que demonstra rampa e declives. (CORTE-ALÇADO) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 65** - Tânia Silva Pereira. Alçado Lateral Direito. (ALÇADO) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 66** - Tânia Silva Pereira. Primeira Maqueta de Estudo. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 67** - Tânia Silva Pereira. Primeira Maqueta de Estudo. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 68** - Tânia Silva Pereira. Segunda Maqueta de Estudo. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 69** - Tânia Silva Pereira. Alçado Principal com Torre Proposta. (IMAGEM) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 70** - Tânia Silva Pereira. Planta Proposta Piso -2. (PLANTA) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 71** - Tânia Silva Pereira. Planta Proposta Piso -1. (PLANTA) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 72** - Tânia Silva Pereira. Planta Proposta Piso 0. (PLANTA) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 73** - Tânia Silva Pereira. Planta Proposta Piso 1. (PLANTA) Fonte: (Autora, 2020)

**Figura 74** - CIN. RAL de Tintas Escolhidas para Proposta. (IMAGEM) Fonte: (CIN, 2020) Disponível em: <https://deco.cin.com/pt/pt/catalogo-cor-detalhes/catalogo-exterior> (Acedido a 5 de setembro de 2020)

**Figura 75** - CIN. RAL de Tinta Escolhida para Exterior (Ripa de Madeira). (IMAGEM) Fonte: (CIN, 2020) Disponível em: <https://deco.cin.com/pt/pt/catalogo-cor-detalhes/catalogo-exterior> (Acedido a 5 de setembro de 2020)



# Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
RJRU	Regime Jurídico da Reabilitação Urbana
RGEU	Regulamento Geral das Edificações Urbanas
IPPAR	Instituto Português do Património Arquitetónico
DGEMN	Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
SIPA	Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
FMUL	Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa
CMT	Câmara Municipal de Trancoso
ARU CHT	Área de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Trancoso
PIP	Pedido de Informação Prévia
RAL	Rationelle Arbeitsgrundlagen für die praktiker des Lack



# **1.Introdução**

## **1.1 Justificação do Tema**

A opção de adotar pela prática da reabilitação, passa pela possibilidade de minimizar vários problemas como os gastos energéticos, impacto ambiental, mas sobretudo a massiva ocupação territorial que é bastante elevada. Assim, com uma correta prática da reabilitação é possível diminuir consideravelmente esses fatores para além de salientar a importância da nossa identidade cultural.

É de destacar o esforço que a sociedade atual tem vindo a desenvolver sobre este tema, ampliando a necessidade para a proteção da herança cultural, tendo um certo cuidado, pois esta prática é considerada mais complexa que uma construção de raiz, devendo ter em conta certas leis e políticas que facilitem a preservação do património.

A motivação para a escolha deste tema, deve-se ao facto de a propriedade “Villa Cruz”, ter sido construída para a minha família e habitada pela mesma, o que me levou ao longo dos anos a “crescer” com a sua presença imponente, verificando a sua evolução e mais tarde degradação com o decorrer do tempo.

Sempre considerei, que a propriedade era dona de uma identidade excepcional quer pela sua arquitetura, mas também pela envolvente onde se encontra inserida, sendo reconhecida por todos os habitantes da cidade como um símbolo de referência.

Dessa forma, a intenção é reabilitar o edifício existente de modo a fazer jus à sua beleza e identidade arquitetónica, preservando-a, homenageando simultaneamente a história dos meus antepassados.

## **1.2 Objetivos**

Esta dissertação tem como finalidade a aquisição de maiores conhecimentos no que diz respeito à prática da reabilitação, aplicando-os, a um contexto de estudo particular como é o caso de “Villa Cruz”. Assim, pretende-se especificar os principais objetivos da dissertação.

De forma a simplificar a pesquisa quer na parte teórica como na prática, propõe-se a realização de um estudo no que diz respeito à reabilitação de edifícios, ou seja, a noção de reabilitação e a evolução que a mesma tem vindo a ter ao longo dos tempos, os conceitos que conformam a prática da reabilitação que advêm desta ação, os princípios de intervenção a adotar nestes casos,

a análise de casos de estudo que se adequam a esta técnica, assim como os programas de reabilitação do município de Trancoso.

Pretende-se estudar e perceber toda a história por detrás do edifício em questão, desde a sua caracterização arquitetónica e construtiva, ao estado de conservação atual, de modo a ser preservada a sua identidade.

Deste modo, pretende-se realizar uma proposta fundamentada para um possível projeto de reabilitação, com a finalidade de transformar o edifício mencionado anteriormente numa pousada de charme, incorporando uma ala de museu em tributo às famílias nobres da região que o habitaram, de forma a criar uma simbiose entre o passado e o futuro.

### **1.3 Metodologias**

No que diz respeito à metodologia a adotada para a realização deste trabalho, propôs-se:

Na primeira etapa, foi realizada toda a pesquisa no que dizia respeito ao estudo de reabilitação, mas também uma pesquisa histórica acerca das famílias, da evolução da cidade e fundamentalmente do edifício mencionado anteriormente, para que seguidamente resultasse uma seleção do material de estudo;

Na segunda parte, a elaboração do levantamento dos edifícios existentes, mas também um estudo que fosse capaz de recolher todos os dados técnicos do mesmo, para que se adquirisse o maior número de informação possível quer a nível arquitetónico como a nível cultural. Foi também analisado o conteúdo recolhido de forma a relacionar a investigação teórica e prática;

A terceira etapa, consistiu na realização de uma proposta conceptual e de projeto para uma pousada, em Trancoso, tendo em conta os edifícios existentes, reabilitando-os, com o objetivo de colocar em prática os conhecimentos obtidos ao longo da dissertação, mostrando o antes e depois da proposta de reabilitação, onde constam todas as melhorias propostas.

## 2. Reabilitação de Edifícios

### 2.1 Noção de Reabilitação e a sua Evolução ao Longo dos Tempos

A preocupação em salvaguardar o património arquitetónico para que o mesmo se mantivesse preservado para as gerações futuras remonta já há alguns séculos atrás. Até ao século XVIII havia conceitos que se confundiam, como era o caso do conceito de restauro e de reutilização, em que a prática se centrava sobretudo em conferir ao edifício “interesse”, pondo de parte a proteção do edificado que devia ser o ponto de partida (CARREGADO, 2012, p.25).

Já no século XIX os conceitos de conservação e património foram desenvolvidos por entidades bem conhecidas como Guerra Junqueiro, Vitor Hugo e Alexandre Herculano. No século XX, mais precisamente no ano de 1931, foi aprovada a Carta de Atenas que consistia num documento de compromisso assinado pelos grandes arquitetos da época em que constavam os problemas e debilidades das cidades, com respetivas soluções para os mesmos (MARTINS, 2010, p.15-16).

Seguidamente, e com as marcas deixadas pela segunda Guerra Mundial, foi necessário criar algumas medidas que revertessem a destruição dos edifícios, o que levou à reconstrução de muitas cidades europeias. Por sua consequência é aprovada no ano de 1964 a Carta de Veneza pelo II Congresso Internacional dos Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos. A Carta destaca alguns princípios, considerados relevantes para a prática de conservação e restauro, que são até hoje lavados em conta, tais como se pode comprovar pelos artigos:

- Artigo 1: A noção de monumento histórico engloba a criação arquitetónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural;
- Artigo 2: A conservação e o restauro dos monumentos constituem uma disciplina que apela à colaboração de todas as ciências e de todas as técnicas que possam contribuir para o estudo e salvaguarda do património monumental;
- Artigo 3: A conservação e o restauro dos monumentos visam salvaguardar tanto a obra de arte como o testemunho histórico;
- Artigo 4: A conservação dos monumentos impõe em primeiro lugar uma manutenção permanente dos mesmos;
- Artigo 5: A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua adaptação a uma função útil à sociedade: esta afetação é, pois, desejável, mas não pode nem deve alterar a disposição e a decoração dos edifícios. É assim dentro destes limites que se devem conceber e que se podem autorizar as adaptações tornadas necessárias exigidas pela evolução dos usos e costumes;

- Artigo 6: A conservação de um monumento implica a conservação de um enquadramento à sua escala. Quando ainda exista o enquadramento tradicional, este deverá ser conservado, e qualquer construção nova, qualquer destruição ou qualquer arranjo suscetível de alterar as relações de volume e cor devem ser prescritos;
- Artigo 7: O monumento é inseparável da história – da qual é testemunho – e também do meio em que está situado. Por conseguinte, a deslocação de todo ou de uma parte de um monumento não pode ser tolerada, a não ser no caso em que a salvaguarda do monumento o exija, ou quando razões de um grande interesse nacional ou internacional o justifiquem;
- Artigo 8: Os elementos de escultura, pintura ou decoração que fazem parte integrante de um monumento não se podem separar dele senão quando esta seja a única medida suscetível de lhes assegurar a conservação.

Mais tarde no ano de 1995 a Carta de Lisboa veio a estabelecer alguns conceitos e princípios de forma a serem aplicados nas intervenções, passando a citar:

Artigo 1º: A Reabilitação Urbana utiliza técnicas variadas, cuja definição e objeto de análise é aceite pelos dois países, conforme segue:

- *Reabilitação Urbana:* É uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, económicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação e instalação de equipamentos, infraestruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito;
- *Reabilitação de um edifício:* Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até próximo dos atuais níveis de exigência;
- *Restauro de um edifício:* Obras especializadas, que têm por fim a conservação e consolidação de uma construção, assim como a preservação ou reposição da totalidade ou de parte da sua conceção original ou correspondente aos momentos mais significativos da sua história;
- *Reconstrução de um edifício:* Qualquer obra que consista em realizar de novo, total ou parcialmente, uma instalação existente, no local de implantação ocupado por esta e mantendo, nos aspetos essenciais a traça original;
- *Renovação de um edifício:* Qualquer obra que consista em realizar de novo e totalmente um edifício num local anteriormente construído;
- *Conservação de um edifício:* Conjunto de medidas destinadas a salvaguardar e a prevenir a degradação de um edifício, que incluem a realização das obras de

manutenção necessárias ao correto funcionamento de todas as partes e elementos de um edifício;

- *Manutenção de um edifício*: Série de operações que visam minimizar os ritmos de deterioração da vida de um edifício e são desenvolvidas sobre as diversas partes e elementos da sua construção assim como sobre as suas instalações e equipamentos, sendo geralmente obras programadas e efetuadas em ciclos regulares.

#### Artigo 2º: Identidade dos Núcleos Históricos

- Sendo a preservação da identidade dos Núcleos Históricos, expressa pelo seu património edificado, cultural e social, é indispensável que as operações de reabilitação urbana sejam apoiadas pelas pesquisas histórica e sociológica, perspectivadas numa dialética de integração.

Posto isto, e depois da análise de ambas as Cartas é possível deduzir algumas separações. Enquanto a Carta de Veneza apresenta uma perspetiva num modo geral de como deve ser vista e entendida a preservação de edifícios históricos, de modo a facultar uma responsabilidade coletiva com objetivo de proteger a sua autenticidade para que sejam reconhecidos pelas gerações futuras, a Carta de Lisboa faz uma análise mais centrada de forma a conseguir atribuir conceitos a cada prática, distinguindo-as, de forma a não haver equívocos quanto ao ato da intervenção e por qual se deve optar. Dessa forma, é possível perceber, depois de alguma reflexão, que ambas se podem complementar de forma a passar, sempre que possível as indicações referidas para a realidade, neste caso para o processo de intervenção.

Pode-se concluir que a prática de reabilitações exige um grande empenho não só do arquiteto como de toda a equipa, já que com ela se pretende manter não só a identidade dos edifícios como as suas características, tendo em conta a reutilização e recuperação de tudo o que for possível na preexistência, não esquecendo que o objetivo é melhorar, para transmitir aos futuros habitantes melhores condições de conforto e habitabilidade.

Já o RJRU vê esta prática, citando Sousa (2016, p.9):

*“como sendo a forma de intervenção destinada a conferir adequadas características de desempenho e de segurança funcional, estrutural e construtiva a um ou a vários edifícios, às construções funcionalmente adjacentes incorporadas no seu logradouro, bem como às frações eventualmente integradas nesse edifício ou a conceder-lhes novas aptidões funcionais, determinadas em função das opções de reabilitação urbana prosseguidas, com vista a permitir novos usos ou o mesmo uso com padrões de desempenho mais elevados, podendo compreender uma ou mais operações urbanísticas.”*



**Figura 1 – Tânia Silva Pereira. "Villa Cruz" Vista Exterior. Fonte: (Autora, 2020)**

## **2.2 Princípios de Reabilitação**

Como apresentado no capítulo anterior, a reabilitação tem como objetivo encontrar soluções eficazes para recuperar danos físicos e construtivos que foram considerados “críticos” de modo a serem corrigidos no ato de intervenção para evitar que o edifício chegue ao ponto de ruína.

Desse modo, estas ações de intervenção devem destacar-se pela reutilização de tudo o que for possível, tentando manter os materiais existentes bem como a sua estrutura, tendo sempre em conta a preexistência.

Para que este processo seja válido deve primar por três princípios, sendo eles: a autenticidade, a compatibilidade e a reversibilidade.

Sendo assim, a autenticidade deve respeitar segundo Sousa (2016, p.41):

- As características tipológicas e morfológicas que refletem a arquitetura onde a construção está inserida;
- As condições de higiene e conforto requeridas pela vida contemporânea, não desprezando as condições de segurança tanto estruturais e construtivas como ao fogo e às intrusões;
- Os padrões qualitativos descritos no RGEU, tanto quanto possível;

No que diz respeito à compatibilidade, *“as soluções adotadas devem ser compatíveis com as técnicas e materiais pré-existentes, de forma a respeitar as características físico-químicas e mecânicas da construção, garantindo também uma fácil identificação do que é antigo e novo.”* (SOUSA, 2016, p. 42).

Por fim, a reversibilidade, não deve comprometer *“a possibilidade de intervenções futuras, permitindo obter as opções iniciais construtivas.”* (SOUSA, 2016, p. 42).

Posto isto, chega-se à conclusão de que os materiais a utilizar nestas práticas devem primar pela origem tradicional de modo a manter uma harmonia com o existente, assegurando dessa forma os princípios acima descritos. Com esta prática é possível beneficiar o ambiente, já que se consegue controlar a energia que vai ser utilizada na reutilização de materiais, provenientes do ato de demolição.

### **2.3 Princípios de Intervenção**

Depois de analisar os princípios de reabilitação enumerados no capítulo anterior, é agora possível esmiuçar alguns fundamentos que devem ser tidos como base na realização do projeto já que devem existir um consenso no que diz respeito a todos os que praticam esta técnica, sendo eles segundo Tavares, Costa & Varum (2011, p.35):

- Garantia da reversibilidade das soluções preconizadas:

Com este princípio percebe-se que deve existir um certo cuidado com a escolha dos materiais a adotar em edifícios antigos, pois uma má escolha dos mesmos pode conduzir a uma solução irreversível causando assim, a perda do que é considerado património. As soluções devem ser o mais aproximado possível às características do existente, e caso seja necessária a aplicação de novos materiais, estes devem ser cuidadosamente aplicados para que não haja qualquer “perturbação” em relação ao restante edifício.

- Adoção de soluções com o mínimo de intrusão:

Algumas soluções adotadas no ato de reabilitação são vistas como intrusivas, devendo desse modo, ser evitadas. Muitas delas são relativas à estrutura, onde com a intenção de se reforçar a mesma são inseridos novos materiais. Posto isto, deve-se optar por materiais e técnicas tradicionais que não descaracterizem o edifício em questão.

- Adaptação da função ao espaço e às características do edifício:

Este pode ser considerado um dos princípios mais importantes, dado que é preferível conferir ao edifício uma serventia atual a deixar que o mesmo caia em esquecimento. No

entanto, é necessário existir uma certa consciência, tentando preservar ao máximo a sua função não o prejudicando a nível estrutural, garantindo que com a manutenção este não perca o seu valor.

- Privilegiar a recuperação de processos e técnicas antigas:

Este princípio tem como base o valor cultural de cada edifício, salientando que é possível criar um desempenho mais favorável, caso sejam adotadas técnicas que o edifício outrora possuía, assim como materiais compatíveis com o edifício a reabilitar.

- Privilegiar soluções de intervenção faseadas no tempo (diminuindo grandes intervenções, custos financeiros e sociais):

O principal objetivo deste princípio é proteger o edifício das intervenções que a sociedade atual impõe. Assim existem dois caminhos, um em que se encara a manutenção de uma forma mais genérica, e outra que se adequa aos custos da obra, tendo primeiro em consideração as situações mais críticas e que precisam de rápida intervenção e outras menos críticas que se podem resolver a longo prazo.

- Aferição prévia do valor histórico, cultural e tecnológico:

É através do estudo do valor histórico, cultural e tecnológico que se vão adotar soluções no ato de intervenção. Segundo Tavares, (2011, p.38) *“para a sua definição é necessária uma investigação prévia, que reporte a evolução do edifício e do seu meio envolvente para uma avaliação objetivamente fundamentada e que garanta uma transmissão desse bem patrimonial para as gerações futuras”*.

Sendo assim, a reabilitação pretende: valorizar e melhorar o edifício e fazer com que o mesmo se mantenha fiel a si próprio para as gerações futuras; solucionar problemas estruturais que possam existir; adaptar o edifício a novas funções melhorando a sua eficácia sempre de forma consciente e ajudar a controlar danos ambientais, fazendo com que o edifício seja o mais sustentável possível.

### 3. Casos de Estudo

#### 3.1 Pousada de Santa Maria do Bouro

A pousada histórica em análise, encontra-se localizada entre Braga e o Gerês, numa pequena vila de seu nome Santa Maria do Bouro de onde advém o seu nome. É neste local onde o sonho não tem fronteiras e se vive calmamente que se apresenta este conjunto monumental que sempre deteve uma imponente presença visual, o que ainda hoje se verifica, marcando e destacando-se na bonita paisagem desta região isolada do país. No momento da intervenção, o conjunto edificado encontrava-se em estado de degradação e completamente abandonado há mais de um século, com a exceção da igreja e sacristia, que se mantinham em bom estado por terem sido continuamente utilizadas pela comunidade paroquial. A cargo da sua restauração ficou o arquiteto Eduardo Souto de Moura, um dos mais renomados do nosso país e vencedor de um Pritzker (2011).

Eduardo Souto de Moura sugeriu a preservação da ruína, para de certa forma manter o edifício como elemento contemplativo. Sendo assim, e depois de ultrapassadas algumas dificuldades nesse sentido, o projeto de adaptação do mosteiro Cisteriano a pousada acabou por ser encomendada pelo Ministério da Cultura em 1988 e entregue a Souto Moura com a colaboração de Humberto Vieira, sendo dessa forma assinado no final do ano de 1989 e aprovado pelo IPPC em maio do ano seguinte. No início do projeto, Souto de Moura questionou-se sobre a forma de como iria encarar o projeto em questão. Segundo o arquiteto e citando Léon (2001, p.46):

*“Quando se identifica o edifício com um século específico, (o restauro) deverá ser feito tendo em vista essa poderosa identidade. Caso contrário, terei de escolher um século: para mim, a única possibilidade será o século XX. Tenho de construir um edifício próximo da cultura contemporânea e não faz sentido construí-lo seiscientos anos mais velho, o que é uma longevidade pouco significativa. Isso fez-me sentir melhor e perder alguns complexos. Afinal de contas, não estou a restaurar um mosteiro, estou a construir uma pousada com as pedras de um mosteiro.”*



Figura 2 – Elisabete Reis. Pousada de Santa Maria do Bouro - Exterior. Fonte: (Wikipédia, 2008)

A resposta a esse problema foi privar-se da interpretação e reconhecimento das características do edifício enquanto mosteiro, estabelecendo uma imagem atual. Observando o impacto que a ruína de Santa Maria do Bouro tinha sobre a envolvente em que se inseria, sendo a mesma parte integrante dela, Souto Moura decidiu tomar essa visão como ponto de partida para o seu projeto, preservando a imagem que as pessoas tinham do local, e da dita ruína, a mesma imagem que predominou sobre a paisagem nos últimos anos e que ele encontrou quando ali chegou.

O intuito de Souto Moura partiu da distinção entre a sua intervenção e a pré-existência, de modo a conservar a história do edifício, acrescentando por assim dizer um novo capítulo. Souto de Moura tentou de alguma forma deixar o seu testemunho na estrutura e história do edifício. A opinião inicial era “radical” de “*antigo é antigo, novo é novo. Se for novo, faço as coisas de uma certa maneira... se for antigo, faço-as de outra*”, (COLLOVÀ, FONTES & LÉON, 2001, p.50) mas a ideia foi evoluindo à medida que o projeto avançou. Sampaio (2012, p.67), citou Souto de Moura quando o mesmo referiu:

*“Alterei muito o projeto e, no fim, concordei com o Távora quanto ao radicalismo do projeto inicial...Quando eu era criança costumava ir ao mosteiro e era assim; eu adorava as árvores a crescer das paredes. Aquilo era o mosteiro e não aquilo que o mosteiro devia ser; as pedras do mosteiro e não o mosteiro.” Os indícios arqueológicos encontrados vieram confirmar a fusão de estilos, alusivos a várias épocas, resultante das várias demolições e ampliações, mas que existiam em “perfeita harmonia”.*

O arquiteto considerou que seria desapropriado uma intervenção que tivesse como objetivo uma “rutura” e resolveu criar “*uma forte imagem contemporânea, mas em continuidade com a vivência passada do edifício.*” (GUIA EXPRESSO, 2001, Vol. 1, p.54)

A estratégia geral de intervenção baseou-se em criar uma relação entre o antigo e novo, num equilíbrio entre ambos, sem quaisquer quebras com o passado. Esse equilíbrio entre o antigo e o novo gerou algumas contradições, confirmadas pelo arquiteto, Sampaio (2012, p.69):

*“Alterei as dimensões das plantas de fundação do mosteiro e, para mostrar que os atuais não eram os níveis originais, concebi os pequenos degraus de ligação em mármore e não em pedra. Tinha vergonha de não dizer a verdade. Quando foi colocado o primeiro degrau era lindíssimo: uma placa de mármore vermelho. Mas pensei que com o terceiro e o quarto, ia ser um desastre e uma ideia demasiado excessiva, embora didática. Fiz os outros degraus em granito e, a partir daí, quase me esqueci do projeto.”*

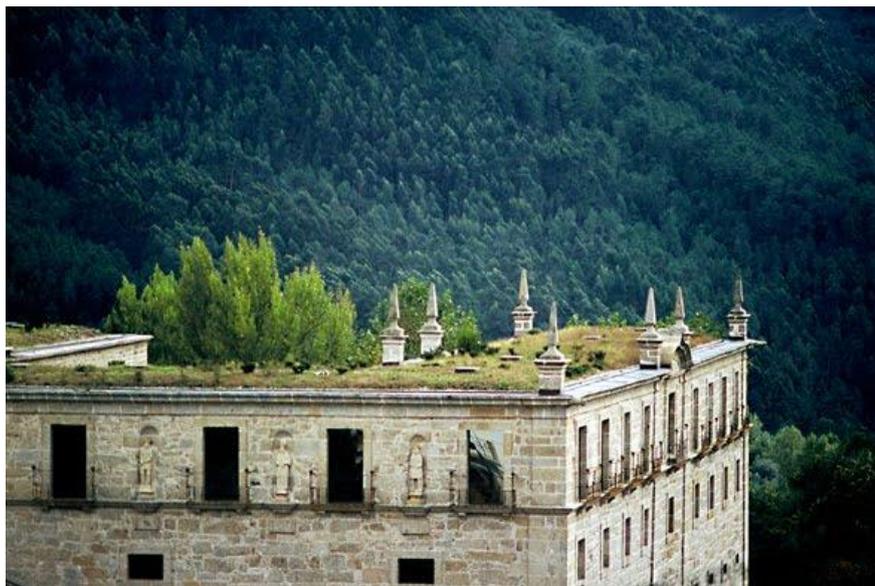
Os novos pavimentos introduzidos não eram tão diferentes antigos quando “*o projeto previa pôr o antigo ao lado do novo, separado por uma junta. Mas, depois, fiz os novos iguais aos antigos e tornou-se mais vulgar, mais normal. Afinal de contas, ninguém vai verificar o que é antigo e o que é novo.*” (SAMPAIO, 2012, p.69)



**Figura 3 - Catarina Botelho. Vista Panorâmica para o Exterior. Fonte: (Blog "Trabalho Fotográfico Comercial", 2010)**

Houve também uma grande contradição na vontade do arquiteto de assumir o estilo contemporâneo do projeto o que se verifica em espaços como é o caso do telhado visível a partir do exterior, assim como as janelas da fachada apenas com vidro e sem caixilharia aparente, reforçando dessa forma a ideia de algo parado no tempo. É visível a presença de ervas nas coberturas. O claustro foi mantido e foi uma decisão do arquiteto excluir vidros de proteção. No interior foi preservada a estrutura original, com uma decoração que tem como objetivo apelar a materiais simples e sóbrios. Foram também retiradas algumas portas nas salas para criar um espaço contínuo, mantendo somente os vãos, optando por serem usadas algumas delas como painéis decorativos expostos nas paredes. Salvaguardou-se a chaminé de granito do que era antes o refeitório, sendo que dessa forma o restaurante se situa agora no que era a cozinha. Parte do sistema hidráulico montado pelos monges foi preservado, sendo possível observar e ouvir, em vários locais, a água que atravessa o mosteiro, criando uma vez mais uma conexão com a natureza.

A imagem da ruína do Bouro, e não da antiga construção, proposta por Eduardo Souto de Moura foi concretizada através de uma intervenção minimalista que teve a introdução de elementos que asseguram a preservação da ruína. O arquiteto fez uma apropriação do espaço, onde, o antigo e o novo, ostentam uma continuidade composta por semelhanças e diferenças, desde a tradição à modernidade, onde o passado e o presente se conjugam, distinguindo-se, anulando-se, mas simultaneamente, complementando-se.



**Figura 4 - Catarina Botelho. Cobertura Ajardinada. Fonte: (Blog "Trabalho Fotográfico Comercial", 2010)**

No que diz respeito ao programa, Souto de Moura tentou tornar tudo muito simples afirmando que: “cozinha-cozinha, farmácia-bar, biblioteca-auditório, refeitório-restaurante, claustro-claustro, celas-quartos.” (SAMPAIO, 2012, p.71) As novas funções destes espaços foram realizadas com algum pragmatismo e sem grande preocupação em analogias ao passado. Dessa forma nos pisos inferiores ficaram estabelecidas áreas comuns e nos pisos superiores colocadas as áreas privadas, mantendo a personificação conventual. Foi também definida a modulação das antigas celas assim como a largura dos corredores. “Para não destruir a escala do espaço original” (SAMPAIO, 2012, p.71) os quartos foram projetados de forma a serem um volume central e compacto, onde se dispõem casa-de-banho, armário e um núcleo técnico para as águas, trabalhando em simultâneo com o mobiliário.

Devido aos requisitos que foram ditados pelo cliente, foi necessário construir um “corpo” para recolher os espaços necessários de apoio a serviços do estabelecimento hoteleiro. O mesmo é incluído “onde, dantes, havia uma parede, para permitir a transição entre o mosteiro e a quinta.” (SAMPAIO, 2012, p.71) Com recurso à pedra, o novo volume é inserido de forma discreta situado na cota mais baixa, relacionando-se com a edificação principal, através de uma esplanada próxima ao dito muro. Esta esplanada, foi desenhada de modo a aproveitar a existência do volume referido anteriormente, está abaixo das zonas coletivas interiores da pousada e acima do nível do pátio das laranjeiras, assim como da zona da piscina, conectando-se com os principais espaços públicos exteriores da pousada. Tendo um pé-direito de três metros e meio, o edificado procura difundir-se na paisagem, numa relação horizontal que estabelece com o conjunto, assim como pela vivacidade conseguida a partir das pequenas fissuras, à escala das pedras que traçam o muro, como da vegetação que chega às paredes reavendo a imagem que o arquiteto tinha “quando era criança (...) e adorava as árvores a crescer nas paredes.” (SAMPAIO, 2012, p.71)

Na representação do exterior, o conhecimento topográfico do terreno envolvente foi deveras um facto importante para a inclusão das novas integrantes do projeto, especificamente, a piscina, o campo de ténis e o corpo de serviços.



**Figura 5 - Luís Ferreira Alves. Pátios das Laranjeiras. Fonte: (Archdaily, 2015)**

Os espaços são reorganizados e reordenados de forma a interligar novos equipamentos, possibilitando novas zonas de esplanada e de transição, como é o caso do pátio na cobertura do edifício e o pátio das laranjeiras. Os acessos permaneceram sem grandes modificações: a entrada para o parque de estacionamento faz-se a poente por um caminho secundário; a norte faz-se o acesso principal tanto à igreja como à pousada através de uma porta em madeira, que dá acesso ao atual pátio das laranjeiras e à receção, através de uma escadaria que já foi referida anteriormente. A obra de Eduardo Souto de Moura foi já intitulada de “invisível” e “corajosa”, por Alcino Soutinho e Sérgio Andrade, pela sua *“capacidade de dar voz a uma arquitetura feita de silêncio.”* (SAMPAIO, 2012, p.73)

Dessa forma, entra-se no conjunto edificado, onde se observa a presença de um pequeno pátio, o dito Pátio das Laranjeiras, e através do qual se direcionam a maior parte dos quartos e das alas que o rodeiam. Antecedido por uma imponente escadaria, é possível notar um amplo espaço de entrada na pousada, onde se entra em contacto imediato com as antigas pedras do mosteiro por intermédio de um grande vão que orienta o visitante para o claustro. Daí é possível aceder à receção, através de uma pequena porta do lado direito, para onde se desenrolam os restantes

espaços comuns, ou a ala norte dos quartos, uma ala repleta de luz, onde é possível aceder por umas pequenas escadas. A luz, elemento importante no projeto relaciona-se com os materiais selecionados – pavimentos em madeira, paredes estucadas e o teto revestido com caixotões em aço corten oxidado – oferecendo, nos corredores o acesso aos quartos, um ambiente, com ar despojado, mas hospitaleiro. Podemos perceber que o estudo deste caso de referência nos disponibiliza diferentes ângulos no que se refere à requalificação do claustro. Ajudando-nos a entender melhor a influência do claustro como parte da arquitetura moderna, pós-moderna e sobre modernidade.

Sendo assim, a atitude do arquiteto, face à reabilitação do mosteiro, constitui uma “regra” presente na história do edifício, manipulável e alterado ao longo do tempo, de acordo com as diferentes fases de desenvolvimento ou de crise. Essas alterações mantiveram sem grandes ruturas, a mesma tipologia, mas substituíram a distribuição funcional do espaço.

Quanto à atitude tomada pelo arquiteto nesta reabilitação, o mesmo tinha em mente distinguir a sua intervenção da parte histórica do conjunto. Mas essa ideia foi anulada, uma vez que o edifício tinha sido alvo de alterações ao longo da sua vida adaptado consoante as exigências de cada época, sofrendo diversas alterações, mas mantendo-se harmonioso. (BRANDÃO, 2001, p.70).

Prescindindo de uma dicotomia acentuada, Eduardo Souto de Moura preferiu o caminho da busca pela naturalidade, assumindo aqui esta palavra se encontrava ligada ao edifício, que como já foi dito foi alvo de modificações ao longo das épocas. Subentendido a todas as etapas da intervenção existe de certa forma uma despreocupação em conciliá-la com as pré-existências, principalmente no que toca à sua lógica formal e construtiva.

As pedras utilizadas para recriar um espaço, pacientemente reorganizadas, trazem consigo uma carga simbólica, já que esta estratégia não se baseou unicamente em critérios de ordem económica, ideia esta que o projetista recusa, mas que nos parece ter assim sido interpretada pela opinião pública, talvez pelo seu pioneirismo. Aliás, essa escolha foi bastante trabalhosa, na medida em que exaustivamente se desmontaram paredes, pavimentos, escadas e os mais diversos elementos, para logo depois os remontar no mesmo ou noutra local, por vezes com as mesmas pedras, tal como aconteceu por exemplo com o lajedo da antiga cozinha, atual refeitório, e com as cantarias das portas das celas, atuais quartos. Assim, também presumimos que neste e noutros casos *"... a obra de Souto Moura reflete um entendimento poético da tecnologia, que consiste no reconhecimento da sua natureza abstrata. Mesmo quando ele modifica a presença de materiais tradicionais."* (SOUTO DE MOURA, 2001, p.19)

Numa fase inicial da obra foi necessário um mês para esclarecer de dúvidas acerca do projeto face à realidade das pré-existências; particularmente na procura de definição de cotas de pavimento e soleiras, assim como das linhas de conduta nas ações de desmantelamento de paredes, orlas, colunas e arcos para posterior reposição ou reutilização. Foram inclusivamente

dadas indicações no sentido de não se efetuar qualquer desmonte sem numerar e fotografar, e não retocar com qualquer tipo de argamassa as pedras que exibissem sinais de escoriações derivadas da sua própria degradação. As utilizações destes materiais vêm mostrar que se por um lado podemos dizer que plasticamente, o arquiteto *"assume o carácter híbrido dos materiais com que trabalha"* (SOUTO DE MOURA, 2001, p.19), o mesmo não se constata nos planos que superam a materialidade. Sabemos que as pedras disponíveis foram utilizadas não para reconstruir o edifício na sua forma inicial, mas sim para uma nova construção, onde foram usados materiais como o aço. A sintonia entre esses elementos foi conseguida, enquanto programa.

Segundo Souto de Moura, o "pitoresco" resulta aqui de uma recusa em pura e simplesmente consolidar a ruína para fins contemplativos, optando pela inovação no que toca a materiais, funções e formas. Genericamente, o confronto gerado pela diferente natureza dos materiais utilizados é parte vital da ambiência criada, sendo um dado de extrema relevância na fruição dos espaços. *"Tenho algum fascínio pelos materiais. Fragmento imenso a construção e uso materiais diferentes na própria construção. A construção passa a ser um somatório de planos e materiais. E gosto porque cria uma certa tensão, uma certa vibração, pôr em contraste materiais"* (CANNATÁ & FERNANDES, 1999). Esta estratégia está é visível no que é o pátio das laranjeiras, no balcão em aço, tal como na preferência por lajes mistas de betão armado e vigas de ferro (à vista), escadas e elevadores com uma estrutura metálica aparente.



**Figura 6 - Diana Vieira. Restaurante da Pousada.  
Fonte: (Blog "Instituto Futurista", 2008)**

Curiosamente, acerca da arquitetura paisagística, este projeto encarrega-se da intervenção das áreas da Cerca (de Cima e de Baixo), mas também da cobertura da Pousada de Santa Maria do Bouro, plantada com espécies decumbentes, trazendo consigo a memória da vegetação espontânea dos seus tempos de ruína.

A reparação dos espaços exteriores respeitou critérios com distintas definições de percursos e serviços, manutenção quase completa das plataformas existentes e a manutenção seguida do restauro dos caminhos e sistemas de vinhas que se misturam com as plataformas como a recuperação das culturas agrícolas existentes e em estado de negligência. Segundo a arquiteta responsável pelo Projeto de Exteriores, Maria João Dias Costa, o que se pretendeu preservar e valorizar foi exatamente a herança deixada pelos monges cisterianos em termos de ordenamento dos espaços que existia na altura da intervenção. *"O que chegou até eles deste trabalho de ordenamento foram os muros, as levadas, os caminhos, a implantação de uveiras e ramadas, a definição dos patamares dos pátios e do claustro e a sua relação com o edifício."* (BRANDÃO, 2001, p.82).

A distribuição da Cerca originou três zonas, sendo elas: a zona da Piscina que se situa entre o Olival e a Leira do Moinho, animada pela Levada; a zona dos Prados onde esteve sempre presente a recordação do espaço exterior com o Mosteiro. Através destes reabilitou-se um antigo percurso sob ramadas, agora adossado a uma nova modelação; a zona do Laranjal, pensada para usufruir de um efeito essencialmente visual, aromático e económico, retoma a tradição da Laranja do Bouro. Este Laranjal, pode ser visto de todos os pontos da pousada, seja do adro, dos quartos, ou da amurada do velho Pátio dos Carros, garantindo uma boa estabilidade visual, imprimindo a necessária grandiosidade que a Cerca no seu conjunto sempre teve.



**Figura 7 - Luís Ferreira Alves. Piscina Exterior. Fonte: (Archdaily, 2015)**

No que toca à decoração e mobiliário da pousada, podemos referir que quanto à azulejaria pré-existente, se encontrava em bom estado, embora algumas das peças tenham sido padecedoras de obras inseridas no plano de recuperação do edificado, como é o caso do painel que reveste a parede sobranceira ao claustro. Desde então, e sob indicação expressa do Departamento de Defesa, Conservação e Restauro do IPPAR, foi preparada uma proteção para impedir futuros acidentes semelhantes. A datar do ano de 1995, o Centro de Restauro orientou o tratamento dado às referidas peças.

O desenho preciso dos interiores, confere ao espaço uma imagem de austeridade monástica, marcada pela preferência dos materiais a serem utilizados, tão diversos, mas trabalhados de modo a conferir uma lógica ligada à contenção o oposto da ostentação, tão característica neste tipo de reabilitações, denominadas de luxuosas.

Segundo Guerreiro (1997, p.3) *“este mosteiro, de agora em diante Pousada Santa Maria do Bouro, permitirá a quem nele se acolha, dispor de um ambiente confortável e tranquilo, proporcionando o regresso do imaginário a um passado de recolhimento conventual e de algum mistério...”*



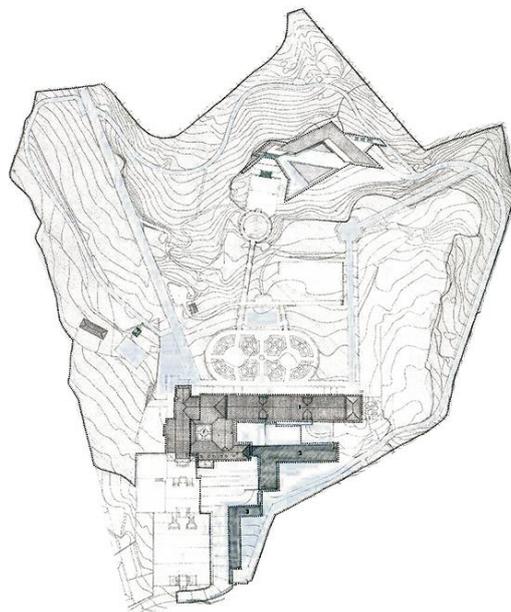
**Figura 8 - Autor Não Identificado. Interior de Quarto. Fonte: (Revista Frontline, 2015)**

### 3.2 Pousada de Santa Marinha

O Convento de Santa Marinha da Costa, localizado no distrito de Braga, cidade de Guimarães, é mais um exemplo de um projeto de reconversão em que a sua função foi modificada para fins turísticos, mais precisamente para uma pousada. A recuperação do antigo mosteiro ficou a cargo do arquiteto Fernando Távora, em que o mesmo garante que foi uma obra que se tornou mais demorada que o esperado, tendo em conta o período de oito anos (1977 a 1985), entre o início e fim das remodelações.

Este convento que serviu de residência da condessa Mumadona Dias, é um edifício que pertence ao período românico e que se manteve fiel à sua estrutura inicial, apesar do seu crescimento e subsequentemente ampliação em meados do século XVI, quando os frades Jerónimos resolveram aumentar as capacidades dos dormitórios e da igreja. O mosteiro apresenta uma *“planta composta por igreja longitudinal, de nave única, integrando torres sineiras na fachada principal, com capela-mor muito profunda integrando coro, e a S. as antigas dependências monacais”* (NOÉ, GUIMARÃES & GONÇALVES, 1998-2005).

Segundo Távora, o edifício assemelhava-se a um corpo formado *“a norte por uma igreja presidindo à composição e ocupando o ponto mais elevado, dois corpos paralelos, mas de diferente extensão, apoiando-se na encosta, um pequeno claustro limitado pela igreja, pelos dois corpos referidos e por um terceiro corpo que lhe é normal, conjunto estruturado segundo um modelo corrente e ainda capaz de crescimento no que respeita ao corpo paralelo de menor extensão. No exterior um belo escadório frontal à igreja e, paralelo a este, o acesso ao convento, aos quais se opunha, atrás do edifício e aderindo à encosta, um jardim de buxo e a mata, com escadaria e tanque”* (apud MARTINS, 2010, p.34) que se revelou através explorações arqueológicas.



**Figura 9 – Fernando Távora. Planta de Implantação, Fonte: (Universidade do Porto, 1972)**

Com o passar do tempo e como o edifício se encontrava já num estado de degradação avançado, o mesmo passou a fazer parte da Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais com o objetivo de vir a pertencer às Pousadas Históricas de Portugal após a sua reabilitação, integrando dessa forma o espólio do Património Oficialmente Classificado. Posteriormente ao ano de 1991 os edifícios começaram a ser geridos pelo grupo Enatur, SA, porém o acompanhamento da obra ficou ao encargo da DGEMN (apud MARTINS, 2010, p.34).



**Figura 10 – Pedro Sampaio Ribeiro. Pousada de Santa Marinha - Vista Exterior. Fonte: (Lista de Expositores BTL, 2020)**

Fernando Távora, que pretendia encontrar a melhor solução projetual, fez uma pesquisa intensiva acerca do edifício em que ia intervir mantendo muitos dos elementos que lá se encontravam, como o claustro do século XVII feito sobre um claustro gótico que lá existiu, e também um arco com abóbada contínua circular que revela a entrada do edifício. É interessante perceber a preocupação do arquiteto em preservar e “dar” a conhecer ao visitante a história do convento através de alguns pormenores da sua reabilitação. Por exemplo, no que diz respeito à estrutura do existente (betão-pedra-reboco), a mesma já apresentava uma diferença de 100/150 anos, entre ambas (pilar-parede), tendo sido dessa forma recortado em argamassa de cimento, material com alguma notoriedade, o fundo da dita parede em conformidade com as juntas existentes formando uma curva no ponto mais alto que permite a visualização do interior, ou seja, o arquiteto fez com que fosse possível observar os três planos de fundo, isolando a parede do pilar de duas épocas, em que o contraste entre o reboco da parede teve um papel fundamental, permitindo ver o interior em pedra onde se encontra o arco, concebendo assim um efeito de profundidade, mantendo a sua essência e subsequentemente o seu tempo. (TÁVORA, 2001).



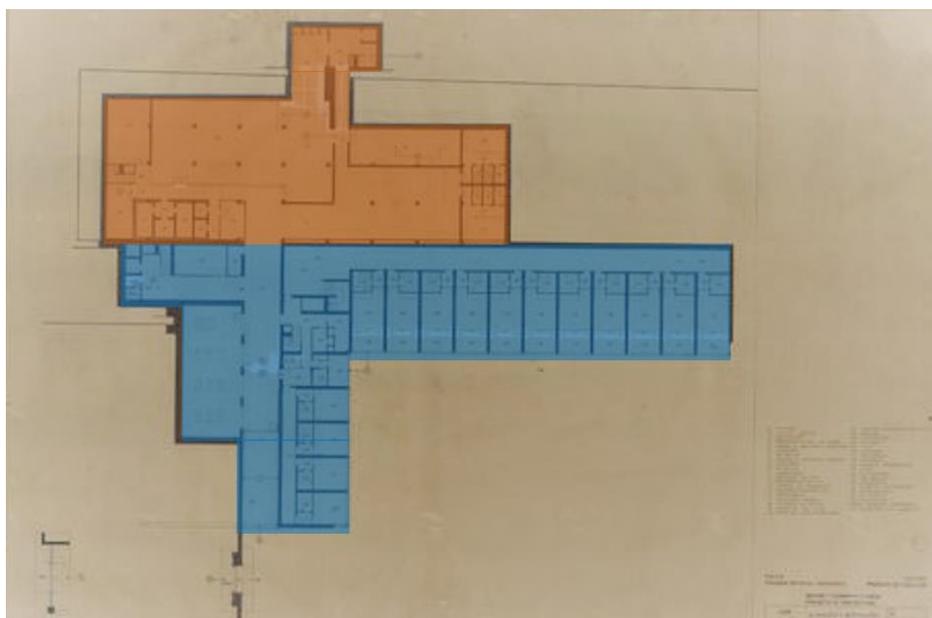
**Figura 11 – Autor Não Identificado. Vista do Claustro. Fonte: (Pousadas, 2020)**

O projeto pretendia criar relações de autenticidade entre a linguagem do edifício preexistente e da intervenção contemporânea que se projetou. Sendo assim, o programa partiu de três setores: convento, garagem, piscina e espaços ao ar livre. O primeiro passo foi recuperar o antigo convento, isto é, o corpo principal e a zona que envolvia o claustro. (VENDA, 2008, p.41) Seguidamente foram restaurados os tetos em madeira existentes na sala de estar, espaço que depois reabilitado iria servir como uma extensão da sala de jantar direcionando os visitantes a um terraço exterior. Os pavimentos no interior dos pisos foram recuperados com madeira tratada, os azulejos em melhor estado foram profundamente restaurados e os locais de circulação interna foram reforçados com gesso.

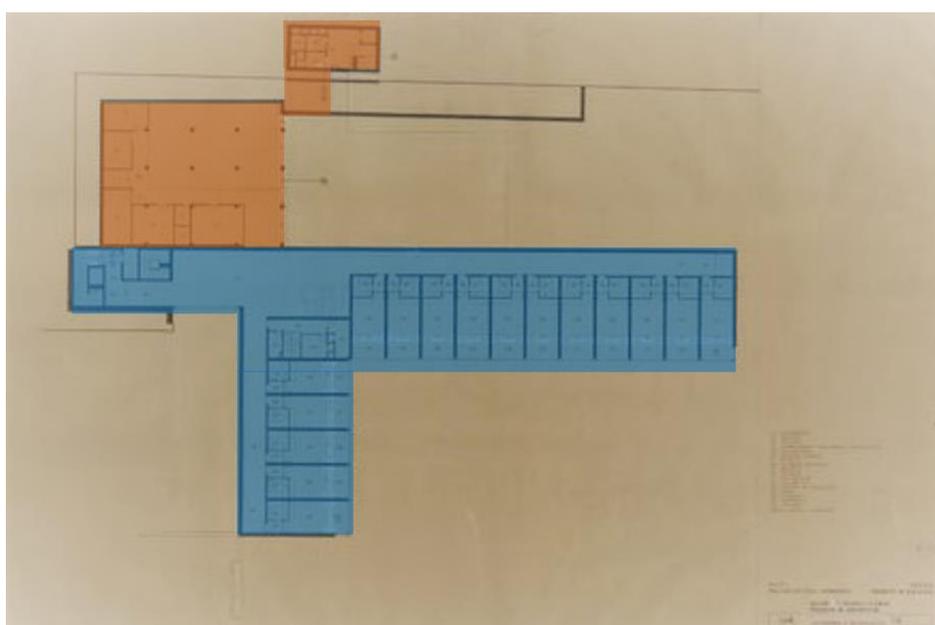


**Figura 12 – Patrícia Brito. Teto da Sala de Estar da Pousada. Fonte: (Upmagazine, 2012)**

Posteriormente, seguiu-se a construção dos novos edifícios de linguagem contemporânea que iram funcionar em paralelo com o convento. A preocupação de Fernando Távora em separar as zonas públicas das privadas foi notória, colocando desse modo no piso 1 do convento todas as áreas de estar (laranja) e no novo corpo que a ele se agrega os quartos (azul) que se encontram alinhados em forma de “L”, que foram agrupados para poderem partilhar uma zona técnica onde se inseriram todas as tubagens e equipamentos, espaço esse localizado na interseção dos corredores. A planta do piso 2 assemelha-se à do anterior, à exceção de uma área de serviços localizada no corpo antigo do edifício (apud MARTINS, 2010, p.34-35).



**Figura 13 – Fernando Távora. Planta do Piso 1, Pousada de Santa Marinha.  
Fonte: (Universidade do Porto, 1983)**



**Figura 14 - Fernando Távora. Planta do Piso 2, Pousada de Santa Marinha.  
Fonte: (Universidade do Porto, 1983)**

No corpo antigo do 3º piso estão localizadas as zonas de estar, ou seja, as salas de jantar que funcionam como restaurante, as salas de estar, de reuniões, de exposições (vermelho) e uma área de esplanada (rosa). O 4º e último piso foi também destinado a área públicas (vermelho) e mais 23 quartos (azul).

No que diz respeito às comunicações verticais, as mesmas realizam-se através de caixas de escadas e elevadores que permitem o acesso a pessoas com mobilidade reduzida. Como arranjos exteriores foram mantidos os jardins e a mata, sendo mais tarde criada também uma zona de piscina (apud MARTINS, 2010, p.36).



**Figura 15 – Fernando Távora. Planta do Piso 3, Pousada de Santa Marinha. Fonte: (Universidade do Porto, 1983)**



**Figura 16 – Fernando Távora. Planta do Piso 4, Pousada de Santa Marinha. Fonte: (Universidade do Porto, 1983)**

É interessante perceber a relação simbiótica criada pelo arquiteto, em que “o velho” convento mantém o seu lugar de destaque no terreno respeitando a sua essência, e em que o “novo” corpo se insere num plano inferior assumindo uma linguagem contemporânea, perceptível através da análise do alçado principal do edifício. Para Fernando Távora o importante era inovar, mas sem perturbar o monumento, conservando-o, mas ao mesmo tempo “dando-lhe vida” através de novos espaços, tendo consciência que o edifício poderá sofrer alterações ao longo do tempo, abrindo com a sua solução projetual, espaço para modificações seculares futuras explicando:

*“Pretendeu-se aqui um diálogo, não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura. Diálogo que constitui um método pelo qual se sintetizaram duas vertentes complementares a considerar na alteração de uma pré-existência: o conhecimento científico da sua evolução e dos seus valores, através da Arqueologia e da História e uma concepção criativa no processo da sua transformação.*

*É certo que a pousada introduzirá um novo uso no velho mosteiro, mas é certo, também, que se os homens fazem as casas, as casas fazem os homens, o que justifica a manutenção, no novo edifício, de uma escala e de um ritual de espaços que, traduzindo a presença de um passado que seguramente não volta, aqui se recordam e utilizam pela actualidade do seu significado. (...) Travando uma batalha, talvez perdida, contra o sensacionalismo exibicionista das formas, das cores, dos materiais, que persegue o nosso quotidiano.” (apud MARTINS, 2010, p.38)*



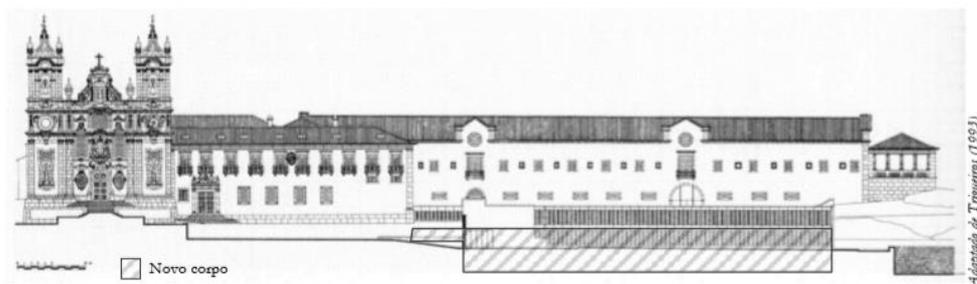
**Figura 17 – André Duarte Baptista. Pousada de Santa Marinha. Fonte: (Blog André Duarte Baptista, 2018)**



**Figura 18 - André Duarte Baptista. Pousada de Santa Marinha. Fonte: (Blog André Duarte Baptista, 2018)**

O projeto passou por algumas vicissitudes, sendo mesmo recusado pela Enatur por ter na opinião do grupo poucos quartos e em contrapartida uma área social de dimensão exagerada. Dessa forma, foi pensado um anexo que serviria como “acrescento”, aumentando assim a capacidade da pousada para 31 quartos. O arquiteto considera a alteração/ampliação dos quartos uma situação grave, não apresentando algum tipo de solução, esperando, no entanto, que o visitante consiga ter o discernimento necessário para saber o que foi ou não obra do arquiteto (TÁVORA, 2001).

O certo é que esta é uma obra de reabilitação de importantíssimo relevo na carreira do arquiteto Fernando Távora, chegando com este projeto a ganhar o grande prémio nacional de arquitetura de 1987, servindo de referência para outras obras como é o caso da recuperação do Convento de Santa Maria do Bouro de autoria do arquiteto Eduardo Souto de Moura.



**Figura 19 – Fernando Távora. Alçado Principal, Pousada de Santa Marinha, Fonte: (Martins, 2010)**

### 3.3 Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa

Situado em plena reserva natural de Vila Nova de Foz Côa, o museu que foi inaugurado em julho de 2010, encontra-se “abraçado” pelo Rio Douro e Rio Côa contando com uma vista privilegiada para a sua paisagem vinhateira. Segundo o Museu Nacional de Arqueologia, o projeto de autoria dos arquitetos Tiago Pimentel e Camilo Rebelo, foi o vencedor do Concurso Público Europeu elaborado pelo Instituto Português de Arqueologia tendo como parceiros a Ordem dos Arquitetos, o Instituto Português de Museus e a Câmara Municipal da região. O projeto em questão, destacou-se entre as 42 propostas apresentadas dada a harmonia com que se integra na envolvente apesar da sua pesada, mas ao mesmo tempo discreta volumetria. Ganhou também no ano de 2006 o galardão de Arquitetura do Douro, prémio instituído pela CCDR-N, que tem como objetivo promover propostas que tenham em conta boas práticas de construção, já que este foi um projeto classificado pela UNESCO como património mundial.



**Figura 20 - Tânia Silva Pereira. Vista Exterior para o Rio. Fonte: (Autora, 2019)**

Para definir o conceito os arquitetos reuniram diversos fatores como a topografia, as acessibilidades e o programa para que se interprete o museu enquanto uma “instalação na paisagem”. Dessa forma, o projeto foi pensado e desenhado tendo em conta a sua implantação para que segundo os arquitetos não restasse “*quaisquer ambiguidades e equívocos quanto à sua localização.*” (REBELO & PIMENTEL, 2010, p.5) O maior desafio de acordo com os arquitetos foi a complexidade do terreno já que este era bastante acentuado dificultando desse modo o “suporte físico da intervenção”.

Assim, a estratégia adotada passou por criar uma plataforma que para além de servir como cobertura do próprio museu também desempenha o papel de miradouro “*cujo cenário é a esmagadora paisagem dos montes e vales do Douro*”. (REBELO & PIMENTEL, 2010, p.5) A plataforma em questão recebe o visitante e conduz o mesmo a diversas áreas ajudando a elucidar o rumo que se pretende que este tome. A forma triangular do edifício surgiu “*pela geometrização abstrata da topografia*” (REBELO & PIMENTEL, 2010, p.5) já que o edifício se encontra inserido entre dois vales.



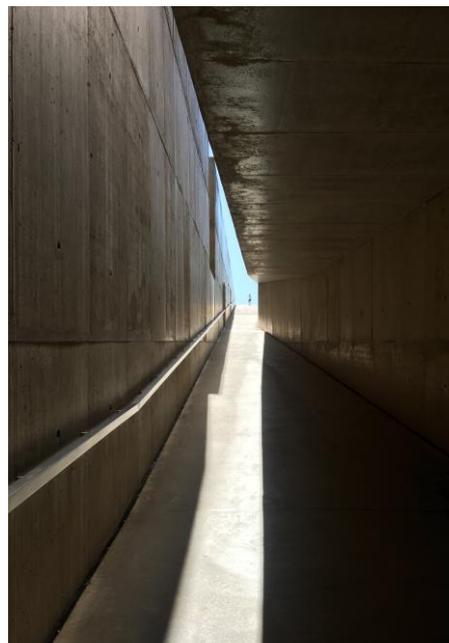
**Figura 21 - Rebelo & Pimentel. Planta de Implantação. Fonte: (Archdaily, 2012)**

O elemento marcante do museu é uma rampa (figuras 22 e 23) que citando Pimentel e Rebelo (2010, p.5):

*“rompe a massa de forma contínua, percorrendo todo o programa, desde a plataforma de chegada até às salas de exposição. Esta fenda descendente conduz o utente para dentro da densa massa, transportando-o, de modo gradual, da paisagem intensa, luminosa e infinita até à realidade interior e escura da sala gruta, que nos remete para um tempo primitivo.”*



**Figura 22 - Tânia Silva Pereira. Perspetiva Exterior da Rampa. Fonte: (Autora, 2019)**



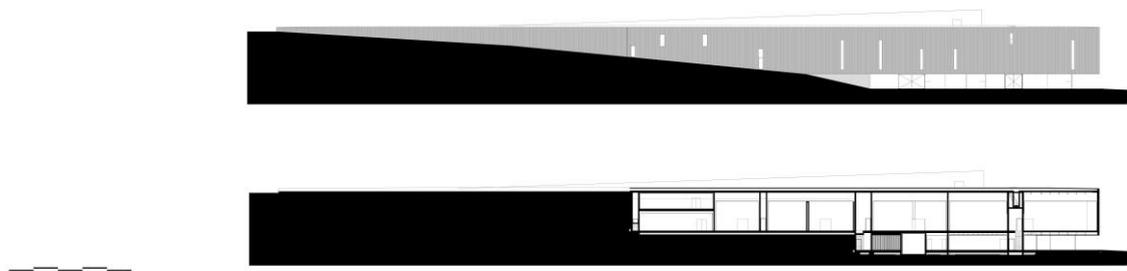
**Figura 23 - Tânia Silva Pereira. Perspetiva Interior da Rampa. Fonte: (Autora, 2019)**

Quanto a nível programático o museu conta com quatro pisos, isto é, a cobertura/piso 2 que para além da função mencionada anteriormente serve de estacionamento e incorpora ainda dois elevadores bem como um acesso vertical que faz ligação direta ao átrio do museu; piso 0 onde se encontram as salas de exposições temporárias assim como as de exposição permanente que tem como acesso o elemento de rampa descrito, percorrendo todo o corpo; e por fim o piso -1 que se encontra semienterrado onde se encontram o auditório, restaurante, cafetaria entre outras salas.

É de destacar a simbiose que existe entre o terreno e o edifício, já que o mesmo *“assume como nível a cota de chegada, enquanto a condição do terreno verte naturalmente ao longo do edifício, destapando-o na totalidade no extremo”*, (ALVES, 2012) terminando desta forma com o corpo balanceado na zona correspondente à cafetaria, como se pode observar através das figuras 24 e 25.



**Figura 24 - Tânia Silva Pereira. Vista Exterior do Museu. Fonte: (Autora, 2019)**



**Figura 25 - Rebelo & Pimentel. Corte-Alçado. Fonte: (Archdaily, 2012)**

Por ser um edifício que se encontra isolado e se defronta com as mais variadas condições climatéricas a escolha da materialidade foi estudada cuidadosamente. Assim, os arquitetos tiveram em consideração a textura e cor que iriam utilizar de forma a produzir “*um diálogo íntimo entre artificial/natural*”, (REBELO & PIMENTEL, 2010, p.5) a escolha recaiu, portanto, numa estrutura em betão aparente com textura de xisto, conferindo-lhe o aspeto da pedra local, em que foram realizados vários ensaios com moldes em fibra de vidro.

Sendo assim, o seu processo de construção passou pela estrutura em betão maciço e lajes mistas. É de destacar a métrica concebida (figura 26) que tanto varia de posição como de largura (60, 90 e 20cm), conferindo a cada espaço uma diferente perceção, já que também existem vãos rasgados como das zonas de refeição. O pavimento escolhido para o museu foi o de microbetão pigmentado (GOP, 2010).



**Figura 26 - Néelson Garrido. Métrica de Vãos. Fonte: (Archdaily, 2012)**

Posto isto, é evidente que “*a intervenção procura estabelecer um diálogo com a encosta onde se insere, conferindo-lhe uma nova e artificial silhueta que não a desvirtue, mas antes complemente.*” (REBELO & PIMENTEL, 2010, p.6) Quem visita o museu não fica indiferente às suas gravuras de arte rupestre já que o edifício proporciona ao visitante “um percurso de descoberta” que foram pensados para o levar numa viagem, como se estivessem a explorar uma gruta, já para não falar dos diferentes ângulos de observação que nos emerge para a beleza característica do Douro e da sua envolvente. Segundo os arquitetos Pimentel e Rebelo (2010, p.6):

*“A sua perceção é uma realidade mutável, consequência da sua materialidade. A sua observação é possível de diferentes ângulos, mas também de distâncias variáveis, surgindo como um monólito de xisto de diferentes expressões – pedra recortada na montanha - enquanto na aproximação ler-se-á um corpo complexo em betão texturado, cortado por frestas de diferentes calibres, que denunciam o carácter habitável do espaço e a sua composição.”*

### **3.4 Justificação dos Casos de Estudo**

Depois de estudada a teoria referente à reabilitação de edifícios, decidiu-se analisar alguns casos práticos de construções que passaram pelo processo em questão que se adequassem o mais possível aos edifícios da Villa Cruz. Desse modo, foram escolhidos os projetos descritos anteriormente que se supõem exemplos apropriados, sobretudo a nível de função e programa dado que dois deles são atualmente pousadas, cada um com as suas particularidades para que se pudesse “extrair” o melhor de cada um.

Começando pela Pousada de Santa Maria do Bouro, este edifício serviu de referência a vários níveis, desde o século em que foi construído (século XX, o mesmo que Villa Cruz), como da linha de pensamento do arquiteto, que preservando a imagem que tinha da ruína conseguiu criar um equilíbrio entre o antigo e o novo, conjugando a tradição com a contemporaneidade atual. A reabilitação em questão passou pela alteração da função do edifício (mosteiro para pousada) criando um volume que se relaciona com a pré-existência de forma a criar espaços e equipamentos que se interligam e complementam. A intervenção contemporânea, foi inserida numa cota mais baixa, em que o seu traçado minimalista se distingue do antigo edifício ao mesmo tempo que preserva a sua ruína, estabelecendo uma harmonia entre ambos.

No que diz respeito à Pousada de Santa Marinha, o “conceito” de reabilitação tem muitas semelhanças à pousada apresentada previamente. O “novo corpo” também se encontra inserido num plano inferior, que funciona em paralelo com o antigo convento, criando uma relação simbiótica. No que diz respeito ao programa foram separadas as áreas públicas das privadas e foram restaurados elementos que se encontravam degradados, como por exemplo os tetos em madeira. Fernando Távora teve o cuidado de inovar sem perturbar o monumento, conferindo-lhe “vida”, através da cor e métrica utilizadas.

À exceção dos dois casos de estudo mencionados, a escolha do Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa recaiu sobretudo pela materialidade escolhida pelos arquitetos (betão aparente) e pela sua linguagem contemporânea, que se assume fazendo com que este se integre perfeitamente na paisagem. Dessa forma, destacam-se elementos como a rampa que “rasga” o terreno, conduzindo o visitante ao interior do museu; o corpo balançado que faz contrastar o “peso” do betão com os vãos envidraçados, conjugando-os, tornando o edifício “mais leve”; e por fim, a métrica pensada para a abertura de vãos em locais específicos.

Em suma, verifica-se que os casos de estudo que foram alvos de processos de reabilitação, apresentam boas escolhas no que diz respeito à funcionalidade, sem descaracterizar o existente, dando resposta às exigências da atualidade, proporcionando bem-estar e comodidade aos seus visitantes, relembando-os simultaneamente do passado.

## 4. Villa Cruz – Trancoso

### 4.1 Enquadramento Histórico

O início da história de Villa Cruz remonta ao final do século XIX, mais precisamente ao ano de 1898, quando António José de Moura e Cruz “*requereu a arrematação pela câmara de um terreno ao Alinho dos Porcos, com 90 metros de largura e 100 de cumprimento, para edificação de 3 casas.*” (SALDANHA, 2010, p.465) A venda realizou-se no dia 24 de agosto de 1898 pela quantia de 205.070 réis, que abrangia os 18 talhões do terreno, fazendo assim um total de 9.000 metros quadrados (SALDANHA, 2016, p.322).

António de Moura e Cruz comprou então o terreno em questão com o intuito do mesmo vir a servir de habitação para os seus três filhos: Azi, Elisa e Alfeu Cruz. (SALDANHA, 2010, p.465)

Alfeu Policarpo Ferreira de Moura e Cruz, licenciado em direito, teve vários cargos de elevada importância, como o delegado e administrador do conselho, na atual cidade de Trancoso (SALDANHA, 2010, p.466). Veio a casar no ano de 1896 com D. Maria Joana Policarpo de Almada Saldanha e Quadros, filha de D. João Carlos Emílio Vicente Francisco de Almada Quadros Sousa de Lencastre da Fonseca Pinto de Albuquerque Telles da Silva Leite de Meneses, 3º Conde de Tavarede (SALDANHA, 2010, p.552-554).



**Figura 28 – Pedro Quadros Saldanha. 3º Conde de Tavarede. Fonte: (Saldanha, 2010)**



**Figura 27 – Autor Não Identificado. D. Maria Joana em criança ao colo de sua mãe. Fonte: (Genealogy, 2016)**

Dessa forma, a primeira casa (que se encontra no canto norte deste terreno) foi construída no ano de 1899, sabendo-se que a planta em questão foi da autoria do Conde de Tavarede, pai da noiva, para servir de habitação ao casal em questão, “a respectiva planta, da autoria do seu cunhado o Conde de Tavarede, foi aprovada em sessão de 4 de Maio desse ano” (SALDANHA, 2016, p.321). Seis anos mais tarde foi então construída uma segunda casa, tendo esta como proprietários os irmãos de Alfeu de Moura e Cruz, como se pode comprovar segundo Saldanha (2010, p.465):

*“Do lado sul do terreno construiu as suas casas seu filho Azi Cruz, que em 04.02.1904 obteve da câmara para arrancar pedra abaixo do actual quartel dos bombeiros para a sua construção. Em 03.09.1904 intitulavam-se proprietários das casas construídas nesse terreno os 3 filhos, que nessa data viram aprovado o projeto de construção dos muros e torres da parte fronteira dessas casas, em substituição do projeto final. Em 1909 já essas casas se chamavam “Villa Cruz”.*

Também é de ressaltar que a construção da segunda casa não foi um processo tão breve como se pretendia, passando por várias vicissitudes, tendo mesmo ardido na primeira fase da sua construção. Por consequência, Azi Cruz foi levado a obter uma licença camarária para poder retirar alguma pedra, a uma pedreira pertencente ao município, de forma a conseguir finalizar a obra. Coincidência ou não o certo é que recentemente a casa em questão sofreu novamente um incêndio sendo por isso a que se encontra mais degradada (SALDANHA, 2016, p.322).



**Figura 29 – Autor não Identificado. Dr. Aleu Saldanha, Fonte: (FMUL, 2010)**

Posto isto, pode-se concluir que foram primeiro construídas as duas casas existentes, seguidamente os muros que rodeiam toda a propriedade e só no final do século XX, Aleu de Almada Saldanha Quadros Cruz, filho de Alfeu e Maria Joana, decidiu construir a torre da casa pertencente aos seus pais, que ainda hoje se mantém, citando Saldanha (2016, p.322):

*“Aqueles muros foram feitos de imediato, o que não aconteceu com as torres. A do lado Sul não chegou a ser feita. A do lado Norte veio a ser construída por Aleu Saldanha Cruz em finais dos anos 40 do século XX.”*

Assim, pode-se concluir que a casa do lado sul também deveria ter uma torre semelhante à existente, no entanto esses planos não se concretizaram, nunca chegando então a ser construída.



**Figura 30 – Tânia Silva Pereira. Torre Existente, Villa Cruz. Fonte: (Autora, 2019)**

Com o passar dos anos, as casas foram passando de geração em geração, sendo a última proprietária da família, Maria Saldanha, que por se encontrar a residir na cidade de Lisboa decidiu vender a propriedade a Carlos Pena, empresário que residiu na cidade de Trancoso na sua juventude e que segundo sua mãe, Sra. D. Teresa Pena, sempre teve grande interesse pela propriedade, creio que pela sua beleza singular.

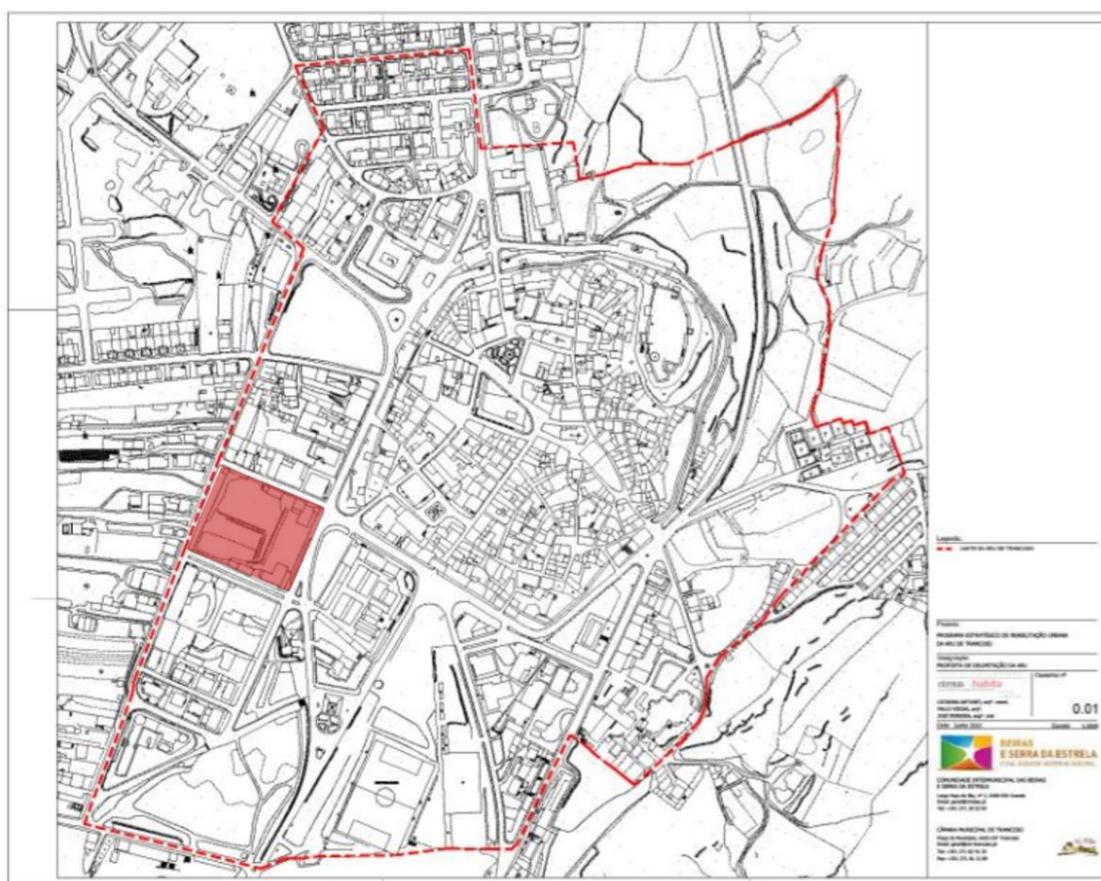
Dessa forma, este adquiriu a propriedade pelo valor de meio milhão de euros, tendo como objetivo reabilitar as casas em questão de modo a preservar a sua identidade. Segundo Pena, *“pretendemos a recuperação integral deste património arquitetónico e vegetal, dando o nosso pequeno contributo para o conjunto que é a beleza arquitetónica e monumental de Trancoso”*. (JORNAL "O INTERIOR", Ed. 19 julho de 2018)

O projeto prevê dessa forma a criação de um museu de arte contemporânea e design que funcionará em paralelo com uma pequena unidade hoteleira. O principal objetivo segundo o proprietário é criar *“uma oferta diferenciadora de produto turístico e cultural e a promoção da região do outro lado da fronteira”*, (JORNAL "O INTERIOR", Ed. 19 julho de 2018) acreditando que a cidade tem tudo o que é preciso para atrair o maior número possível de turistas.

#### 4.1.1 Trancoso e a sua relação com a Reabilitação

O Município de Trancoso, tem vindo com o passar dos anos a implementar planos estratégicos de reabilitação urbana de modo a desenvolver intervenções que qualifiquem e revitalizem o espaço urbano numa tentativa de combater o abandono e envelhecimento populacional que segundo a autarquia “se tem traduzido numa perda da dinâmica populacional, económica e social”. (CMT, 2015, p.7) Dessa forma, o programa propõe a reabilitação do centro histórico da cidade tendo em conta alguns princípios que devem ser tomados em consideração de modo a salvaguardar o património existente. A proposta de delimitação assume a área prevista na figura 31, em que a Villa Cruz se encontra inserida como se pode comprovar segundo CMT (2015, p.7):

*“Consideram-se igualmente integrados na ARU CHT, todos os edifícios que confrontem a linha que delimita a mencionada área e que se encontra expressamente definida na “Planta de Delimitação da Área de Reabilitação Urbano do Centro Histórico de Trancoso”.*



**Figura 31 – CMT. Planta de Delimitação da Área de Reabilitação Urbano do Centro Histórico de Trancoso, Fonte: (CMT, 2015)**

Posto isto, a cidade tem consciência de que são necessários implementar alguns princípios de modo a tornar a reabilitação em algo que ajude a cidade no seu desenvolvimento tendo em conta a sua história, sendo o único objetivo o de melhorar, tendo em vista o progresso no futuro. Dessa forma, é necessário enumerá-los de acordo com (CMT, 2015, p. 14-15):

- A implementação de estratégias que permitam a reabilitação e requalificação numa referência de qualidade pelo seu ambiente, a qual deverá decorrer da valorização sustentada do seu carácter urbano e arquitetónico singular;
- A definição e o estabelecimento de regras de atuação que permitam salvaguardar e valorizar o património urbanístico e arquitetónico existente, mediante a sua proteção material e a definição de usos e normas adequadas às suas características morfológicas;
- A definição das bases para o lançamento e execução de intervenções exemplares nos domínios da construção, reabilitação e requalificação dos edifícios e espaços públicos;
- O estabelecimento de estratégias de atuação que conduzam à recuperação e valorização urbana, económica e social;
- A criação de soluções de financiamento sustentável da ação de reabilitação urbana.

Para além de:

- Reabilitar tecidos urbanos degradados ou em degradação, garantindo a proteção e promoção da valorização do património cultural e histórico/arquitetónico;
- Modernizar as infraestruturas urbanas;
- Qualificar e integrar as áreas urbanas especialmente vulneráveis, promovendo a inclusão social e a coesão social;
- Promover a melhoria geral da mobilidade, nomeadamente através de uma melhor gestão da via pública e dos demais espaços de circulação com a melhoria das acessibilidades para cidadãos com mobilidade condicionada;
- Adotar padrões de mobilidade urbana mais seguros e sustentáveis;
- Criar e fomentar espaços de encontro e de sociabilidade;
- Preservar e reabilitar os edifícios que traduzem memórias da história do município;
- Reforço da inserção da cidade na estrutura e dinâmicas sociais e económicas, bem como o comércio tradicional do território envolvido;
- Promoção de uma cidadania ativa e participante;
- Impulsionar uma oferta cultural contínua, diversificada e multifacetada.

Outro aspeto importante, e sobre o qual a Câmara Municipal de Trancoso tem dado mais relevo desde o ano de 2003, ano esse em que a cidade passou a fazer parte integrante do Programa das Aldeias Históricas, é o Turismo já que o mesmo é considerado um recurso de grande potencial, que valoriza o património das cidades conferindo um avultado interesse a nível cultural. Segundo a página web do Município de Trancoso:

*“O Turismo em Trancoso tem registado nos últimos anos um forte desenvolvimento, que se explica não só pela integração do concelho na rede das «Aldeias Históricas de Portugal», mas também pela existência de novos equipamentos urbanos e unidades hoteleiras. Com os seus numerosos monumentos, de arquitetura civil, militar e religiosa, a cidade de Trancoso constitui um dos mais expressivos Centros Históricos do país, visitado anualmente por muitos milhares de pessoas”<sup>1</sup>*

Assim sendo, é notório o papel dos centros históricos nas cidades, já que são eles que preservam toda a sua história e de modo a evitar que essa história seja esquecida existe a necessidade de implementar ideias de reabilitação, mantendo sempre a coerência arquitetónica existente evitando assim a sua degradação com o passar dos tempos. No entanto o programa de reabilitação levado a cabo pela cidade vai muito além do centro histórico, já que este pretende estendê-lo à área adjacente ao mesmo em que não irão ser esquecidos os acessos ao centro da cidade e os seus espaços públicos que pode ser provado conforme CMT (2015, p.12):

*“Pretende-se uma intervenção a vários níveis, no espaço público, nas infraestruturas, nos equipamentos e no edificado, criando condições que motivem a recuperação e reabilitação de edifícios singulares e daqueles que representam e continuam a ser os símbolos identitários desta região”.*

Posto isto, a cidade tem como objetivo intervir na zona delimitada de forma a potencializá-la, conferindo-lhe o destaque que ocupa no espaço urbano onde se encontra inserido. A estratégia passa sobretudo por valorizar o que Trancoso tem de melhor para oferecer a nível turístico, fazendo com que haja um equilíbrio entre o urbanismo e o paisagismo, apostando na socialização que subsequentemente irá contribuir para a economia não só local como também regional, nunca abrindo mão da sua identidade, citando CMT (2015, p.13):

*“A proposta de delimitação que se apresenta integra um conjunto urbano que necessita de ser intervencionado para que a identidade da cidade não se perca ou sofra descaraterizações, e para que a qualidade de vida da população atinja melhorias significativas, através de uma intervenção integrada no edificado e nos espaços públicos, potenciando assim a sua atratividade.”*

Esta iniciativa da Câmara Municipal de Trancoso deve ser aplaudida, já que desde então tanto a autarquia como particulares têm vindo a reabilitar alguns edifícios integrados na proposta de delimitação referida como foi o caso do Castelo de Trancoso, estudado e analisado nos casos de estudo desta dissertação, o Solar dos Sampaio e Melo, também localizado em pleno Centro Histórico em que a família procedeu à recuperação do edificado tornando-o num local destinado a turismo de habitação e recentemente os planos para a reabilitação do Palácio Ducal em parceria com a Universidade da Beira Interior, dado o seu valor patrimonial.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.cm-trancoso.pt/turismo/> [acedido a 14 de outubro de 2020]

### 4.1.2 Castelo de Trancoso

Falar de Trancoso sem referir o seu castelo é provavelmente impensável, sendo este o monumento que mais caracteriza a antiga vila. Localiza-se no topo de um planalto, a partir do qual se avista um extenso território entre a Serra da Estrela e o Vale do Douro. Acredita-se que a sua origem “remonta à ocupação romana por volta do ano 301 a.C., embora a primeira referência documental seja relativa ao ano de 960 d.C.” (CONCEIÇÃO,1992-1998).

Inicialmente, resumia-se à torre de menagem que assumia a função de posto de defesa e observação, chegando mesmo a ser parcialmente destruída por invasões bárbaras. (SALDANHA, 2016, p.46). O castelo foi desta forma, um espaço de extrema importância estratégico-militar, no qual ocorreram os mais variados conflitos e batalhas, primeiramente entre cristãos e muçulmanos e posteriormente entre Portugal e os reinos vizinhos no reinado de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

Foi a partir dessa conquista, quando se reduziram as perturbações causadas pela guerra, que D. Afonso Henriques ordenou o início da ampliação da cerca urbana, somando assim à defesa uma muralha compreendida entre as Portas do Carvalho e as Portas de São João, como demonstra a figura 32. No reinado de D. Dinis o perímetro foi reforçado “e mais tarde a actual muralha, que incorporou toda a área urbana da vila” (SALDANHA, 2016, p.46), que se mantém até à atualidade.

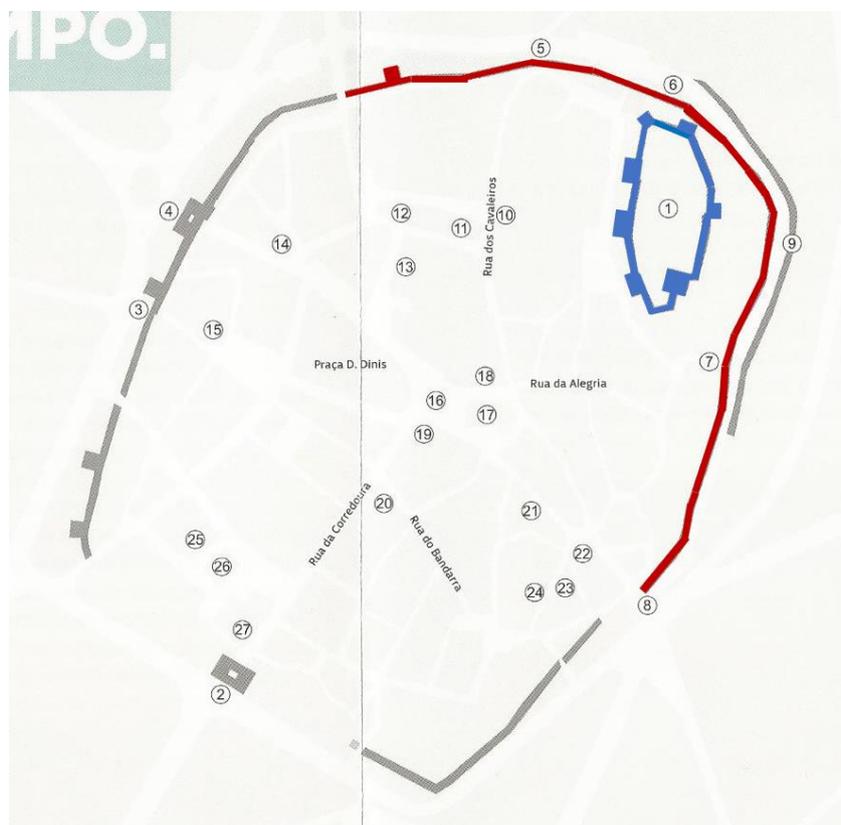
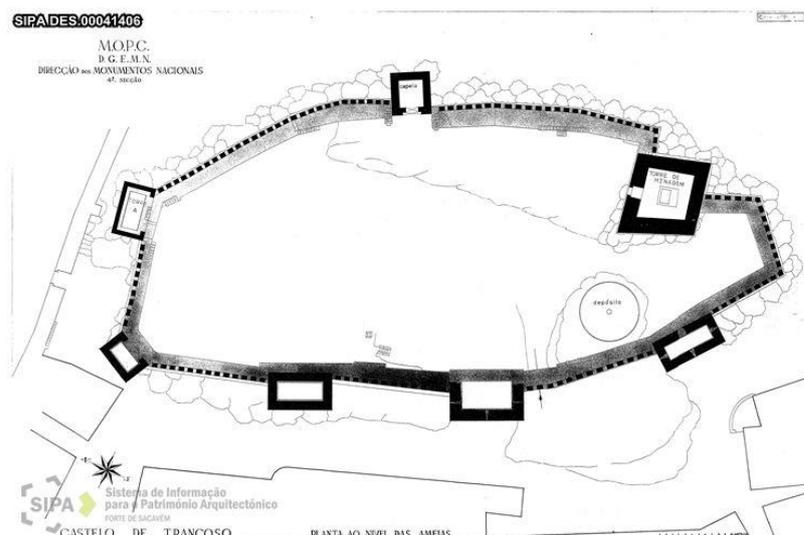


Figura 32 - Figura 32 - CMT. Desenvolvimento da Cerca Urbana, Fonte: (CMT, 2019)

Quanto à sua arquitetura, o castelo apresenta um *“traçado oval irregular, definido por muralhas dotadas de algumas bombardeiras e coroadas por merlões pentagonais. O acesso é feito através da porta em arco quebrado aberta a Oeste.”* (CONCEIÇÃO, 1992-1998). É composto por uma cisterna e sete torres, sendo seis delas de planta retangular e uma de planta quadrangular (onde existia a Capela de Santa Bárbara e agora as suas ruínas). A torre mais notável, como já foi mencionado anteriormente, é a de menagem que tem esse nome *“porque é levantada em forma de pirâmide e rematada em ponta de agulha...”* (SALDANHA, 2016, p.47)



**Figura 33 – Margarida Conceição. Planta do Castelo de Trancoso antes da Reabilitação. Fonte: (SIPA, 1992/1998)**

É interessante perceber que no ano de 1677 o castelo não era apenas composto pelas torres e as suas muralhas mas também por outras edificações denominadas como *“casas do castelo”*, que serviam de morada para quem se encarregava da defesa do castelo e da vila, como se pode comprovar segundo Saldanha (2016, p.49), *“dentro do castelo, do lado poente, aproveitando a torre que fica à esquerda de quem entra pela porta principal, ficavam umas casas, as chamadas “casas do castelo”, com uma janela rasgada na face da torre”*. Mais tarde, quando o castelo perdeu a sua vocação militar, as ditas casas deixaram de ser úteis e foi nessa altura que nelas foi instalado o Teatro de Santa Bárbara, por iniciativa de D. João de Almada e Quadros de Sousa Lencastre, primeiro conde de Tavadere, e familiar do terreno no qual se vai realizar a intervenção proposta (SALDANHA, 2016, p.52-53)

Na altura a câmara não tinha grande preocupação no que dizia respeito à conservação do castelo, tendo o teatro em questão definido durante algumas décadas o aspeto do seu interior (SALDANHA, 2016, p.53). É de ressaltar que nessa mesma época também se deu autorização para que se construíssem casas junto ao castelo, figura 34, embora tenham sido destruídas mais tarde citando Saldanha (2016, p.54): *“Destas construções que obstruíram as Portas da Traição, não existem hoje vestígios pois foram demolidas na década de quarenta do século XX aquando das grandes obras por que passou o castelo”*.



**Figura 34 – Pedro Quadros Saldanha. Casas do Castelo. Fonte: (Saldanha, 2016)**

Mais tarde, no ano de 2001 a construção foi classificada como Monumento Nacional sendo alvo de algumas obras de modo a consolidar os seus muros fortificados, levando posteriormente à intervenção do arquiteto Gonçalo Byrne.

É de destacar a reabilitação do arquiteto que salvaguardou o equilíbrio da estrutura apesar da sua inspiração contemporânea. A sua intervenção de pequena escala é capaz de responder a todas as necessidades do projeto “evitando qualquer atitude mimética”. A “viagem” começa na entrada do castelo, levando o visitante a percorrer *“um enorme sistema de rampas e escadas feitas com o mesmo granito usado na construção das muralhas do castelo, suavizando e aperfeiçoando o novo, poroso, vibrante e velho.”* (CRESPI, 2007, p.3) O sistema de rampa e escadas (figura 35), tem a particularidade de funcionar em direções opostas para além de ter sido desenhado de forma paralela convergindo numa plataforma, levando o turista ao primeiro corpo arquitetónico que garante o mesmo comprimento da torre mais próxima, e acolhe a receção, um espaço de exposição relativa à cidade e as instalações sanitárias.



**Figura 35 – Duccio Malagamba. Entrada do Castelo de Trancoso atualmente, Fonte: (Casabella, 2007)**

Já no lado direito, e para dar acesso à ilustre torre de menagem foi concebido um corpo estreito e alto composto por um lance continuo de escadas que dá acesso ao primeiro nível da torre (figura 36). Lá dentro existe uma estrutura de madeira com umas escadas em forma de espiral (figura 37), que permitem o visitante chegar ao ponto mais alto da torre de menagem que serve de miradouro para que se possa disfrutar da vista, contemplando toda a cidade, como se tratasse de “*uma homenagem às terras e aos olhos de quem mora lá.*” (CRESPI, 2007, p.3)



**Figura 36 - Tânia Silva Pereira. Vista Exterior do Castelo. Fonte: (Autora, 2020)**



**Figura 37 - Duccio Malagamba. Escadaria Interior. Fonte: (Casabella, 2007)**

Por fim e onde anteriormente se encontrava o volume da capela, foi projetada uma estrutura metálica revestida por madeira, que serve para espetáculos ao ar livre e apresentações teatrais, transformando o castelo num espaço culturalmente dinâmico e atraente (figura 38). O arquiteto usou na maioria da sua intervenção madeira de ipê que não só confere ao espaço uma personalidade única, como também é considerado um material altamente resistente o que é uma mais valia já que as infraestruturas se encontram expostas às mais variadas intempéries. Concluindo, *“Os gestos de Byrne são expressão de uma ação silenciosa e educada, mistura e equilíbrio.”* (CRESPI, 2007, p.2)



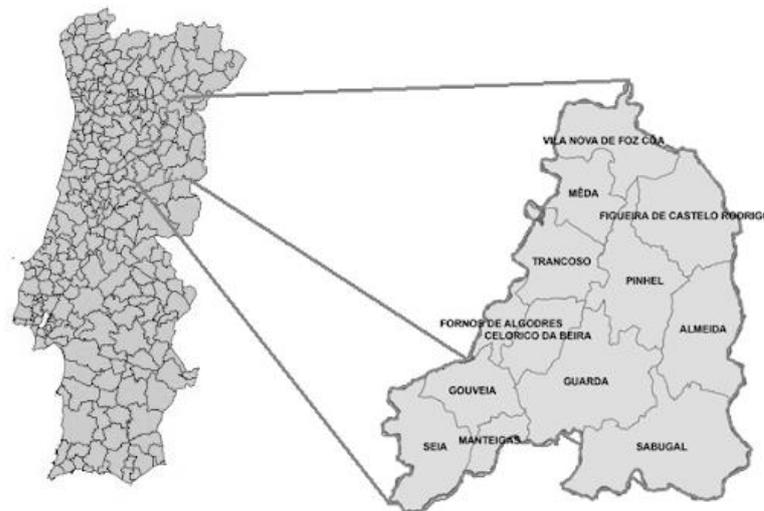
**Figura 38 – Tânia Silva Pereira. Vistas Exteriores da Plataforma para Espetáculos e do Ponto de Turismo. Fonte: (Autora, 2020)**

## 4.2 Análise do Local de Intervenção

A Villa Cruz, encontra-se localizada no distrito da Guarda província da Beira Alta, cidade de Trancoso, mais precisamente na freguesia de Santa Maria. A cidade é delimitada a norte por Penedono, a nordeste por Mêda, a leste por Pinhel, a sul por Celorico da Beira, a sudoeste por Fornos de Algodres, a oeste por Aguiar da Beira e a noroeste por Sernancelhe (figura 39). Na envolvente da freguesia, onde se encontra inserido o terreno a intervir, localiza-se a nascente do rio Távora que é caracterizado pela sua beleza, como se pode comprovar:

*“Dentro dos limites da freguesia de Santa Maria, no seu frondoso campo, nasce o Távora, rio que ao longo do seu curso banha muitos sítios paradisíacos, cheios de sossego, que tanto podem seduzir pela cor um aquarelista como fazer arregalar os olhos de um caçador de rolas.” (CMT, 2020)*

Das 21 freguesias existentes na cidade, a de Santa Maria é aquela que ocupa um lugar de destaque por ser nela que se encontra inserido todo o centro histórico da antiga vila e subsequentemente os locais de passagem obrigatória da mesma.



**Figura 39 – Autor Não Identificado. Localização Geográfica de Trancoso. Fonte: (SNS, 2019)**

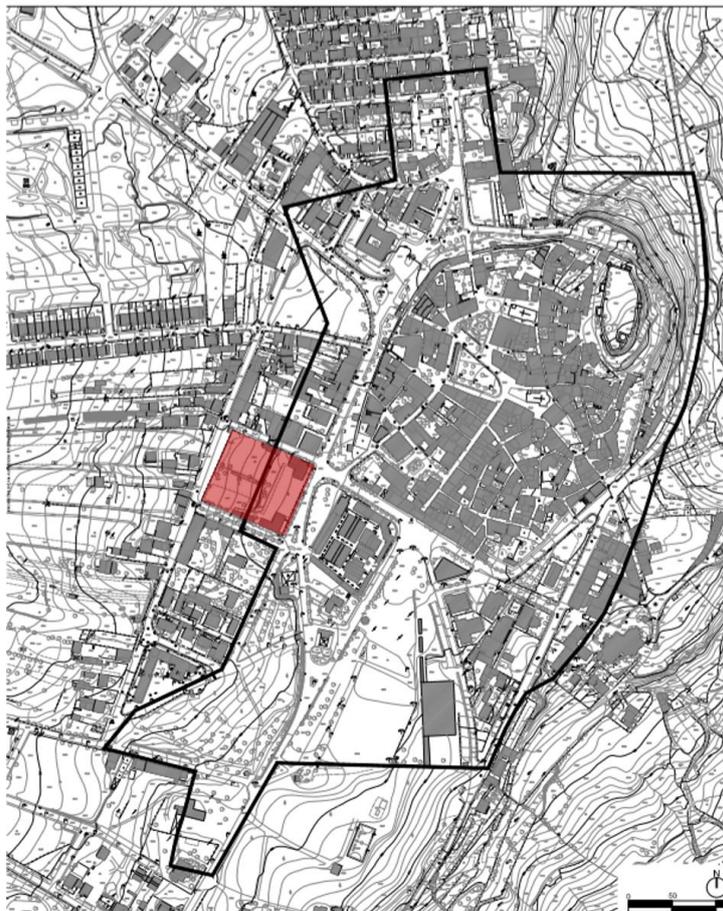
Como já foi referido, no capítulo “Castelo de Trancoso”, o castelo foi o elemento que determinou o desenvolvimento da vila, através da expansão das muralhas ao redor de todo o núcleo histórico. Só a partir do século XIX é que a vila começou a ocupar os terrenos contíguos, fazendo com que se desenvolvesse a nível comercial e de serviços.

É interessante perceber que foi graças à construção de Villa Cruz, e de outras similares, que Trancoso se desenvolveu não só a nível comercial como também a nível de comunicações entre vilas, dado que foi ela que proporcionou a expansão da atual N226, estrada que liga Trancoso a Viseu e Lamego, como comprova Saldanha (2016, p.324):

*“Todas estas construções, a poente da muralha, levariam à necessidade de ser arranjado o espaço público próximo. Foi no início da segunda década do século XX que se criou a Avenida que primeiramente recebeu o nome do deputado Alberto Osório de Vasconcelos e que mais tarde seria crismada com o nome do Dr. Castro Lopes, tendo início nas Portas do Prado, onde era estreitada pela horta da família Bravo, e fim na Fonte Nova. Hoje essa avenida é uma secção que vai de Lamego para Celorico, mas antes – e até cerca de 1970 – não estava ligada à estrada que vem das Portas El-Rei para o Altos dos Frades. Quando aquelas construções foram feitas a estrada chegava, quanto muito, ao ponto onde a muralha virava a nascente; quando a Villa Cruz e a Villa Almada foram construídas a estrada prolongou-se na direção da Fonte Nova.”*

Posto isto, e apesar da Villa Cruz não se estar localizada dentro do centro histórico amuralhado, ainda se encontra inserida na zona especial de proteção da cidade devido à sua proximidade com o mesmo (figura 40), como refere Saldanha (2016, p.325):

*“Todas aquelas construções não criaram uma “vila nova”. Criaram sim, basicamente, um “reforço da muralha”, pois quase todas elas se encostavam ao muro. No entanto, a construção de casas no Altinho de São Tiago, e a poente da estrada encimava as sortes, expandiram consideravelmente o tecido urbano da vila”.*



**Figura 40 - CMT. Planta de Zona Especial de Proteção de Trancoso. Fonte: (CMT, 2019)**

Assim, é indiscutível a sua notável implantação permitindo explorar a cidade e a cultura das suas gentes. Sem falar do facto de Trancoso, se destacar por pertencer às Aldeias Históricas de Portugal. Graças ao seu desenvolvimento ao longo dos tempos, Trancoso foi elevada a cidade no ano de 2004 e desde esse ano tem vindo sempre a lutar por um lugar de destaque a nível turístico, nunca perdendo a sua essência medieval.

Nas proximidades do terreno, encontram-se as Portas El-Rei, portas emblemáticas de entrada no centro histórico. Ao percorrê-lo é possível admirar a arquitetura de alguns edifícios emblemáticos, isto é, igrejas, palácios e solares e museus. Fora do núcleo amuralhado é possível visitar o Parque Municipal da cidade que conta com espécies arbóreas seculares.

É de referir também o clima da cidade, que proporciona verões quentes e secos e invernos rigorosos, pois Trancoso é conhecida pelo seu clima severo no inverno, em que não só a chuva, mas a neve e o sincelo imperam dado o frio da região citando Teixeira, (2020):

*“Vale a pena perderem-se nas ruas e ruelas do Centro Histórico que no Verão vos brindarão com as cores vivas das maravilhosas hortênsias, tão estimadas pelos moradores. O Inverno não traz menos encanto, se tivermos em conta que o frio aquece a alma de quem vê um dos mais belos fenómenos desta época: o sincelo, resultado do congelamento de partículas de água, do nevoeiro, quando em contacto com uma superfície.”*



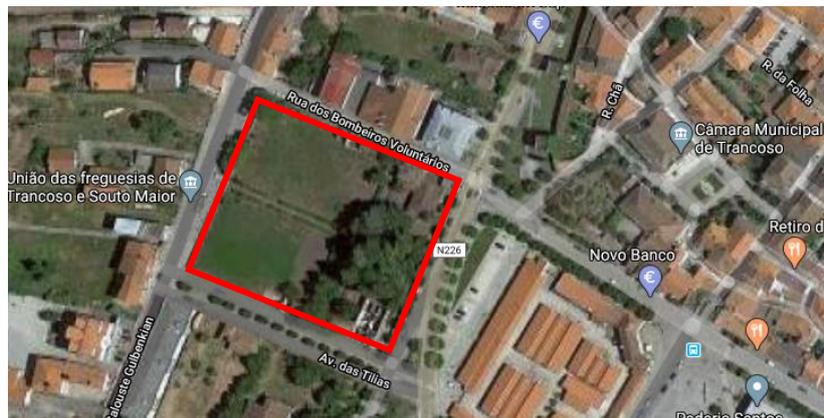
**Figura 41 - Inês Teixeira. Vista Exterior de Villa Cruz no inverno, Fonte: (Blog Coolectiva, 2020)**

#### 4.2.1 Levantamento da Villa Cruz

Devido ao facto de a Câmara Municipal de Trancoso só possuir um documento referente à Villa Cruz, mais precisamente um PIP (Pedido de Informação Prévia), decidiu-se realizar um levantamento dos edifícios em estudo para que o projeto de reabilitação desta dissertação fosse do maior rigor possível.

Desse modo, os edifícios encontram-se implantados num terreno com aproximadamente 8827 m<sup>2</sup> relativamente à área de lote, 1311 m<sup>2</sup> de área bruta de construção e 1059 m<sup>2</sup> de área de implantação. Referente a índices de construção e ocupação, os valores variam entre 1.4 e 1.2 respetivamente. No que diz respeito ao número de fogos/frações estes estão caracterizados em 4 e o número de pisos acima do solo são 3.

A propriedade em questão pode ser considerada um quarteirão, já que apresenta acessos por quatro ruas distintas, sendo elas: a Rua dos Bombeiros Voluntários a Norte, a Sul pela Avenida das Tílias, a Oeste pela Avenida Calouste Gulbenkian e a Este pela Rua Dr. Castro Lopes, estrada pela qual é realizado o acesso principal, como se pode comprovar pela figura 42.



**Figura 42 - Autor Não Identificado. Fotografia Aérea da Propriedade.**  
**Fonte: (Google Maps, 2020)**

De forma a facilitar a leitura desta dissertação optou-se também por denominar os edifícios, ou seja, o edifício 1 é considerado o principal e que se encontra em melhor estado de conservação, o edifício 2 que foi construído posteriormente e que se encontra num estado mais degradado e por fim o edifício 3 construído de raiz.

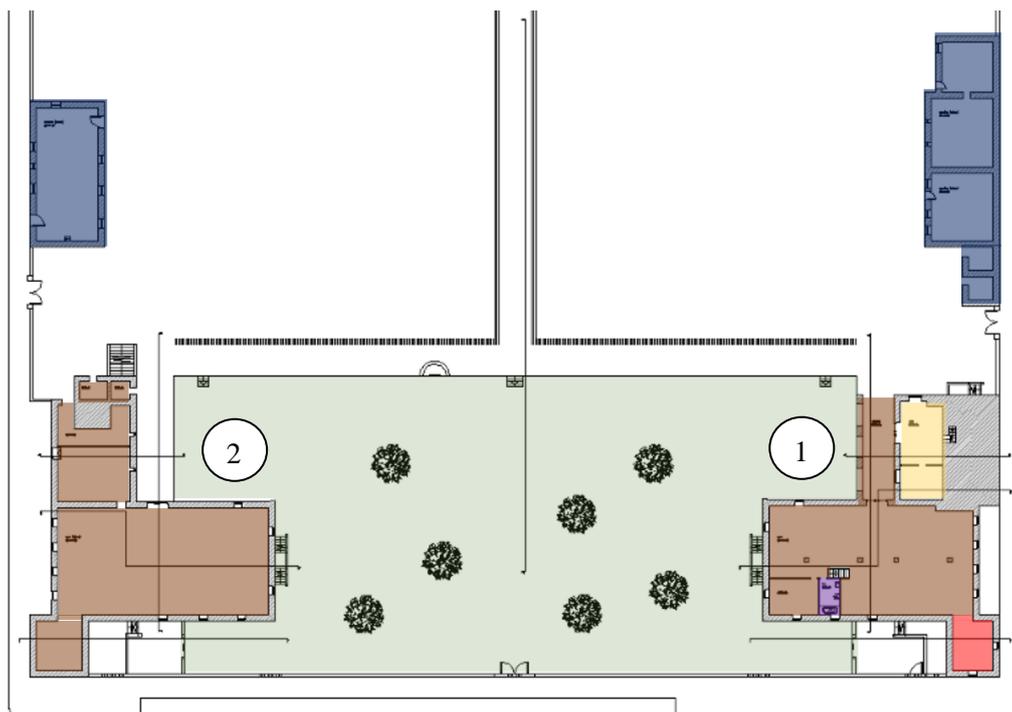
Sendo assim, e depois de estudado e analisado os edificadados, concluiu-se que as duas casas apresentam uma simetria quase perfeita, como se pode ver na figura 63, tendo cada uma na sua parte posterior uma construção de menor escala, como se de anexos se tratassem (azul escuro), acreditando que estes serviam de habitação dos caseiros na época em que os edifícios foram habitados (figura 43). Os edifícios a intervir, operam de forma independente e são separados

por um parque (verde) com as mais diversas espécies arbóreas, assumindo uma função de lazer, em comunhão com a natureza.



**Figura 43 – Tânia Silva Pereira. Casa dos Caseiros. Fonte: (Autora, 2020)**

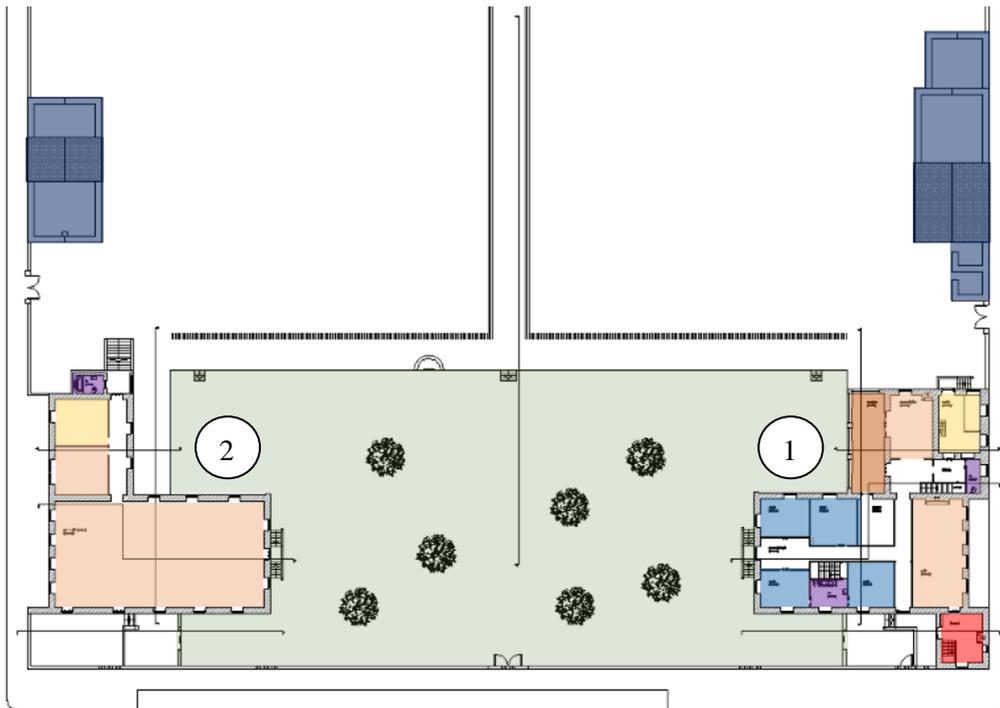
No que diz respeito ao edifício 1 (figura 44), este apresenta um piso abaixo da cota de soleira, onde se encontra a cave, que servia maioritariamente para zona de arrumos (castanho), existindo também uma instalação sanitária (violeta). Uma das divisões deste piso dá acesso direto à cozinha, através de uma escadaria em pedra, de modo a facilitar a circulação dos serviços (amarelo). Já acima da cota de soleira, o edifício é composto por mais dois pisos onde



**Figura 44 – Tânia Silva Pereira. Planta do Existente, Piso -1. Fonte: (Autora, 2020)**

se inserem as zonas de quarto e de estar.

O piso de entrada, piso 0 (figura 45), é composto por um salão (salmão) em que se destaca o teto em madeira e a lareira em pedra, conforme a figura 46, onde se recebiam as visitas e realizavam os bailes de época, com as pessoas ilustres da região. Encontra-se presente neste piso a cozinha (amarelo) que tem ao seu lado uma pequena instalação sanitária de serviço (violeta), uma zona de refeições (salmão) e uma marquise (laranja) que servia tanto de espaço de lazer, com belas vistas para o parque (verde), e também de local de refeições na época de verão.



**Figura 45 – Tânia Silva Pereira. Planta do Existente, Piso 0. Fonte: (Autora, 2020)**



**Figura 46 - Tânia Silva Pereira. Salão (Tetos e Lareira). Fonte: (Autora, 2019)**

No piso mencionado anteriormente, é importante salientar a torre (vermelho), que funcionava como espaço de trabalho/escritório do proprietário (figura 47), que pelo seu acesso independente a partir do parque (verde), permitia a circulação dos clientes sem que fosse necessário entrar dentro de casa, permitindo alguma privacidade aos que nela habitavam.



**Figura 47 – Tânia Silva Pereira. Piso de Acesso à Torre. Fonte: (Autora, 2019)**

Este piso (figura 45), conta também com quatro quartos (azul claro), dois deles com casa de banho comum (violeta). Pretende-se a recuperação dos tetos dos quartos, dado a sua beleza que deve ser preservada de modo a manter a identidade e singularidade do edificado, figuras 48 e 49. A comunicação vertical é realizada por escadarias em madeira que conduzem aos restantes pisos.

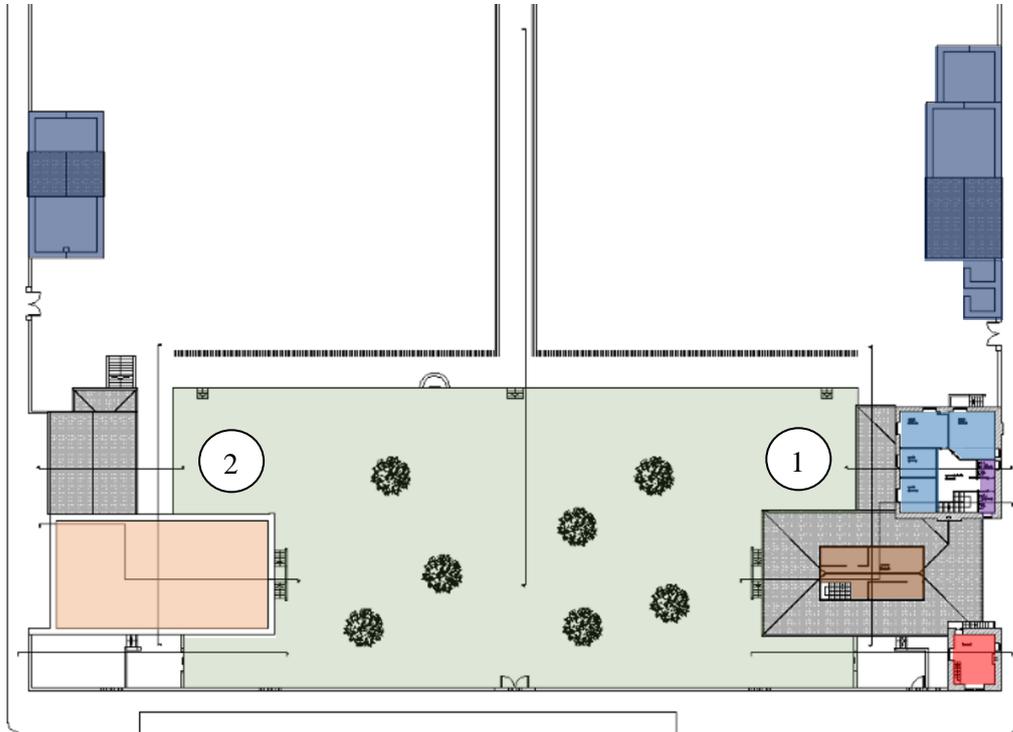


**Figura 48 - Tânia Silva Pereira. Detalhe Tetos de Quarto em Rosa. Fonte: (Autora, 2019)**



**Figura 49 – Tânia Silva Pereira. Detalhe Tetos de Quarto. Fonte: (Autora, 2019)**

Já o piso 1 (figura 50) é um espaço completamente privado, onde estão presentes mais quatro quartos (azul claro), dada a família numerosa, instalações sanitárias (violeta) de apoio aos quartos e ainda o sótão (castanho).

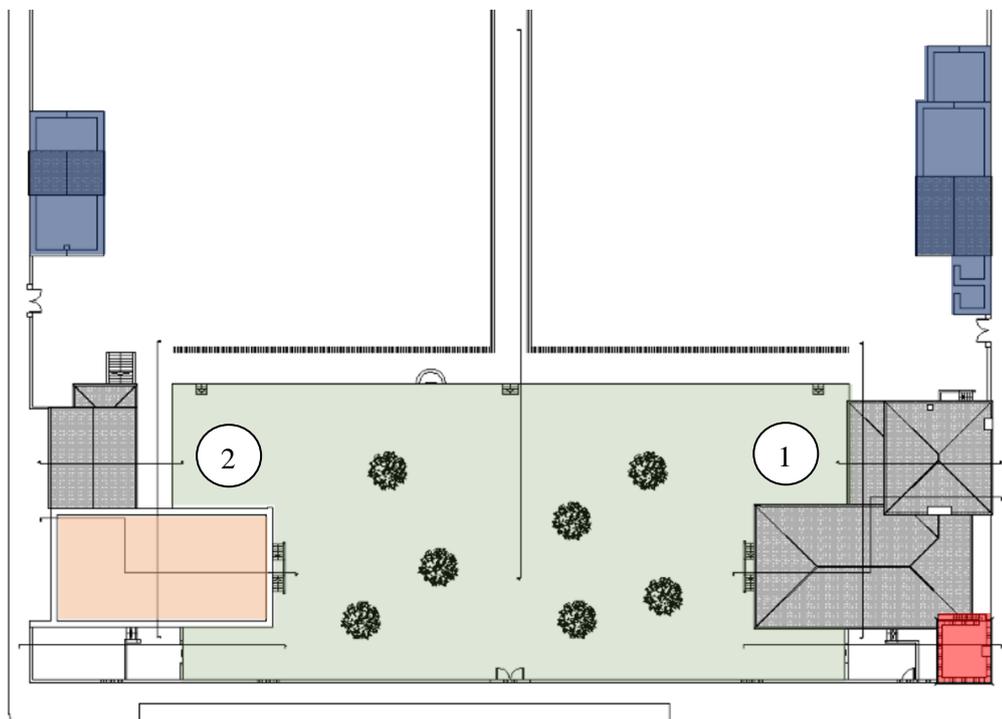


**Figura 50 – Tânia Silva Pereira. Planta do Existente, Piso 1. Fonte: (Autora, 2020)**

A torre referida (vermelho) tem acesso ao seu ponto mais alto através de uma escadaria exterior em granito, à qual leva a uma plataforma servindo assim de miradouro com uma vista privilegiada para o centro histórico e envolvente (figura 52). Julga-se que o seu traçado teve como inspiração o castelo de Trancoso, dado a particularidade das ameias, como se pode ver na figura 51.



**Figura 51 - Tânia Silva Pereira. Ameias Torre da Villa Cruz. Fonte: (Autora, 2019)**



**Figura 52 – Tânia Silva Pereira. Planta de Cobertura Existente. Fonte: (Autora, 2020)**

No 2 edificado (figura 44), o processo de levantamento mostrou-se mais complicado dado o incêndio que assolou o todo o edifício. Dessa forma, o piso em que se encontra a cave funcionava apenas como zona de arrumos à semelhança do edifício 1 e acredita-se que de garagem, já que se encontrava um carro nos escombros do incêndio. Ainda foi possível aceder até metade do piso o (figura 45), que apresenta uma instalação sanitária (violeta) logo após a entrada, uma cozinha (amarelo) e uma sala de estar (salmão).

As ruínas em que o edifício se encontra atualmente não permitiram que fosse possível realizar o restante levantamento do piso em questão, no entanto, acredita-se que este apresentava uma distribuição semelhante ao descrito anteriormente (figura 53). As diferenças podem surgir no facto desta casa ter apenas um piso acima do de soleira e a sua entrada principal ser realizada na parte posterior do mesmo através de uma escadaria exterior em pedra que permitia o acesso ao seu interior.



**Figura 53 – Tânia Silva Pereira. Vista Exterior Edifício 2. Fonte: (Autora, 2019)**

#### 4.2.2 Estado de Conservação da Villa Cruz

Quanto ao estado de conservação atual da Villa Cruz, é evidente o contraste de ambas as casas. Como já foi referido anteriormente o nível de degradação do edifício 2, encontra-se bastante acentuado dado o episódio de incêndio que sofreu recentemente (figuras 54 e 55). Dessa forma, só irá ser aproveitada a estrutura, ou seja, as paredes exteriores, já que até parte da cobertura desabou.



**Figura 54 - Tânia Silva Pereira. Interior de Sala.**  
Fonte: (Autora, 2019)

**Figura 55 - Tânia Silva Pereira. Interior do Edifício 2, atualmente.** Fonte: (Autora, 2019)

Já em relação ao edifício 1, e apesar do seu estado se encontrar consideravelmente melhor, serão necessárias algumas intervenções, isto é, a substituição dos pavimentos e acessos verticais (que são de madeira) já que em algumas divisões e por causa das intempéries se encontram a ruir; o mesmo se aplica à situação da marquise, em que serão substituídos todos os vidros e mantida a estrutura em ferro (figura 58); as paredes interiores também serão alvo de intervenção de modo a ser introduzido isolamento; os vãos e as portas também serão substituídas por novas à exceção das que se encontram nas entradas pelos seus detalhes (figura 57). Por fim, e como já foi referido, os tetos do salão em madeira e dos quartos que possuem detalhes trabalhados em gesso irão passar por obras de restauro com o objetivo de preservar a sua identidade, como ilustram as figuras 46, 48 e 49.



**Figura 56 - Tânia Silva Pereira. Escadaria em Madeira Existente. Fonte: (Autora, 2019)**



**Figura 57 - Tânia Silva Pereira. Porta de Entrada a Manter. Fonte: (Autora, 2019)**



**Figura 58 - Tânia Silva Pereira. Vista Interior da Marquise, atualmente. Fonte: (Autora, 2019)**

Quanto à sua arquitetura, as casas apresentam um traçado distinto, principalmente a nível de vãos como se pode ver nas figuras 59 e 60. Os materiais usados na sua construção são variados, passando a especificar, granito nas paredes exteriores, taipa nas paredes interiores, caixilharias e vãos em madeira com vidros simples incolores, lajes em madeira tanto a nível estrutural como do próprio revestimento, telha tipo lusa e telha tipo marselha cor vermelha no que diz respeito às coberturas. Já no exterior pode-se referir os muros em granito, portões em ferro e por fim

adornos e elementos arquitetônicos decorativos que foram devidamente trabalhados na pedra granítica da fachada à medida da sua construção.



**Figura 59 - Tânia Silva Pereira. Pormenor de Vãos Edifício 2. Fonte: (Autora, 2019)**



**Figura 60 - Tânia Silva Pereira. Pormenor de Vãos Edifício 1. Fonte: (Autora, 2019)**

Para finalizar este capítulo, é de dar destaque ao portão principal de acesso à propriedade que não só realça pela sua beleza como pela sua imponência (figura 62). No que diz respeito ao exterior dos edifícios pode-se ainda mencionar que sem ser os buchos, na parte detrás do terreno nada existe, pensando-se que o mesmo servia anteriormente para terreno de cultivo que abastecia, portanto, as duas casas, já que o mesmo se encontra no meio das casas dos caseiros. É relevante indicar a fonte que existe no parque referido, fonte essa que se irá manter no local onde sempre se encontrou, de modo a preservar a sua memória (figura 61).



**Figura 62 - Tânia Silva Pereira. Portão Principal da Villa Cruz. Fonte: (Autora, 2019)**



**Figura 61 - Tânia Silva Pereira. Fonte Existente. Fonte: (Autora, 2019)**

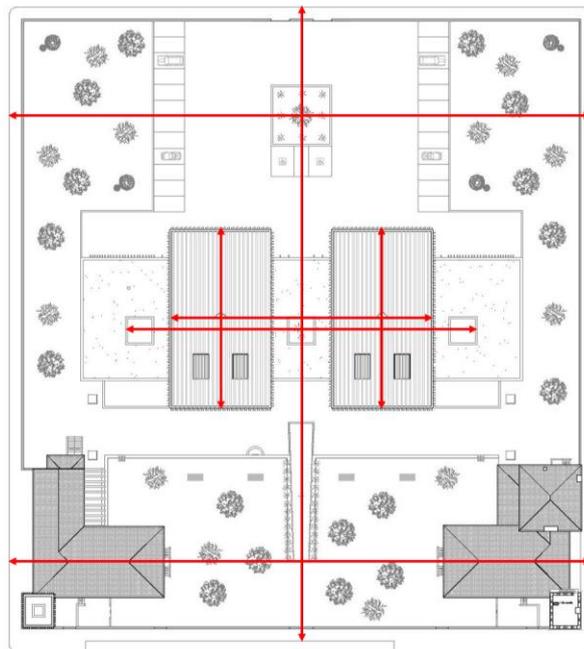
## 5. Proposta Conceptual para Villa Cruz

### 5.1 Conceito

Tendo conhecimento de toda a história do lugar a intervir, fazer parte da infância e das memórias familiares, e dado o desenvolvimento que a cidade de Trancoso tem vindo a conquistar ao longo dos anos, têm-se como principal objetivo a reabilitação das duas casas senhoriais, transformando a “Villa Cruz” num complexo virado para o turismo, com o conceito de pousada de charme. Desta forma, pretende-se “abrir” a propriedade à população e a quem queira visitar a cidade, de modo a poder usufruir de um espaço único, com história e jardins que os façam apaixonar e conhecer esta terra, costumes e gentes, integradas nas Aldeias Históricas de Portugal.

Ainda que o terreno em questão tenha uma área bastante generosa, chegou-se rapidamente à conclusão de que os edifícios existentes não tinham “capacidade” para a intervenção que se pretendia, dada a sua área de construção. Já que tipologicamente se quer manter a mesma composição, organização, apenas mudando as funções dos espaços, optou-se por se propor um edifício de raiz que servirá de apoio aos mesmos, fazendo com que os três funcionem como um só.

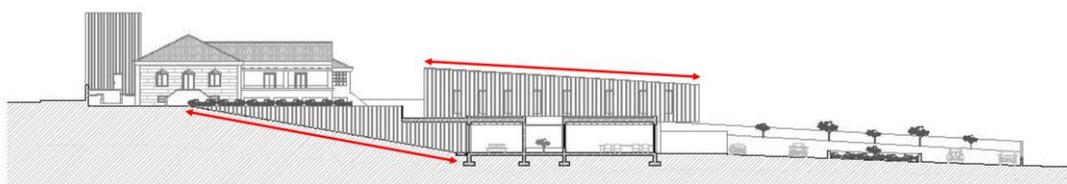
Assim, o conceito partiu sobretudo da topografia do terreno e da simetria que os edifícios existentes apresentam, assim como das suas acessibilidades (figura 63).



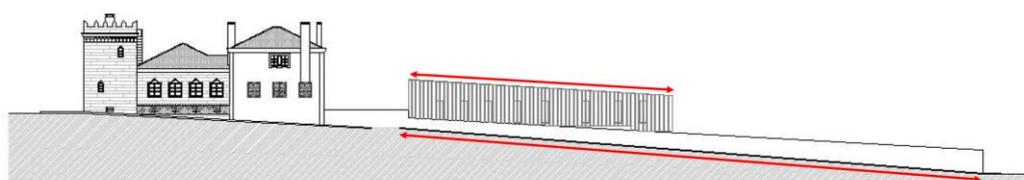
**Figura 63 - Tânia Silva Pereira. Simetrias que serviram de apoio ao Conceito. Fonte: (Autora, 2020)**

A intervenção foi desenhada aproveitando o desnível do terreno, encastrando um volume com as partes sociais e lazer do turismo, e no vazio que existe entre as duas casas “poisado” sobre este volume encastrado surgem dois volumes com os quartos, de modo a criar uma simbiose entre o passado e o futuro.

Assim, o acesso à pousada pode ser realizado através da Rua Calouste Gulbenkian, que possibilita a entrada através da parte posterior da pousada, ou pela Rua Dr. Castro Lopes, em que a entrada principal é efetuada através do adornado portão que revela a sua imponência, e que conduzirá o visitante a um parque com várias espécies arbóreas, sendo elas, pinheiros mansos, carvalhos, cedros, entre tantas outras que refletem toda a história e passado do parque, que tem como intenção servir de espaço de convívio e descontração. Aqui, foi desenhada uma rampa que “rasga” o terreno e conduz o visitante a um lobby/ zona de estar onde se situa a receção, zonas essas que são iluminadas por uma claraboia, e onde se pode ter contacto direto com os dois lado do terreno (figura 64).



**Figura 64 - Tânia Silva Pereira. Corte-Alçado que demonstra rampa e declives. Fonte: (Autora, 2020)**

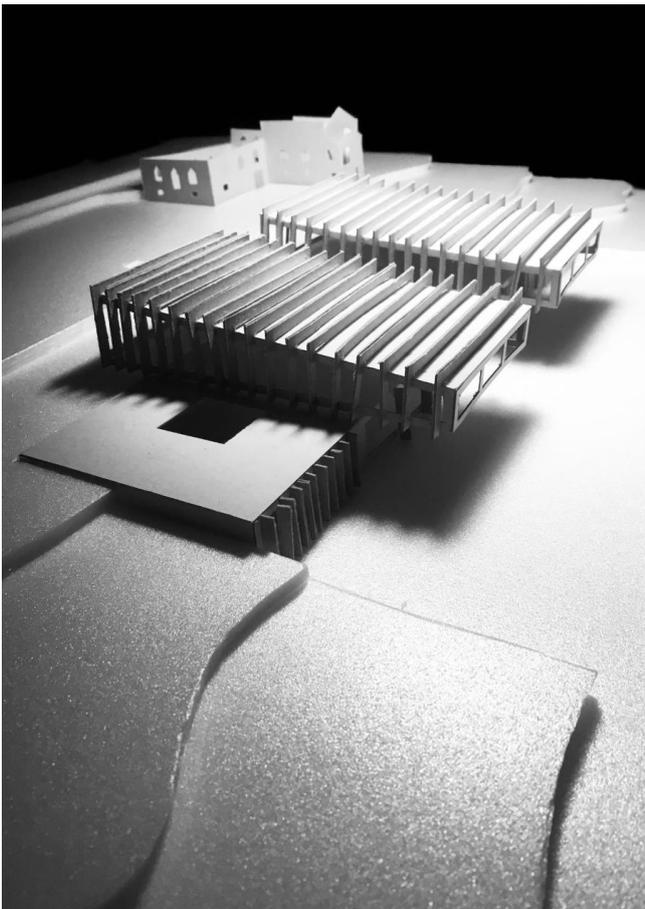


**Figura 65 - Tânia Silva Pereira. Alçado Lateral Direito. Fonte: (Autora, 2020)**

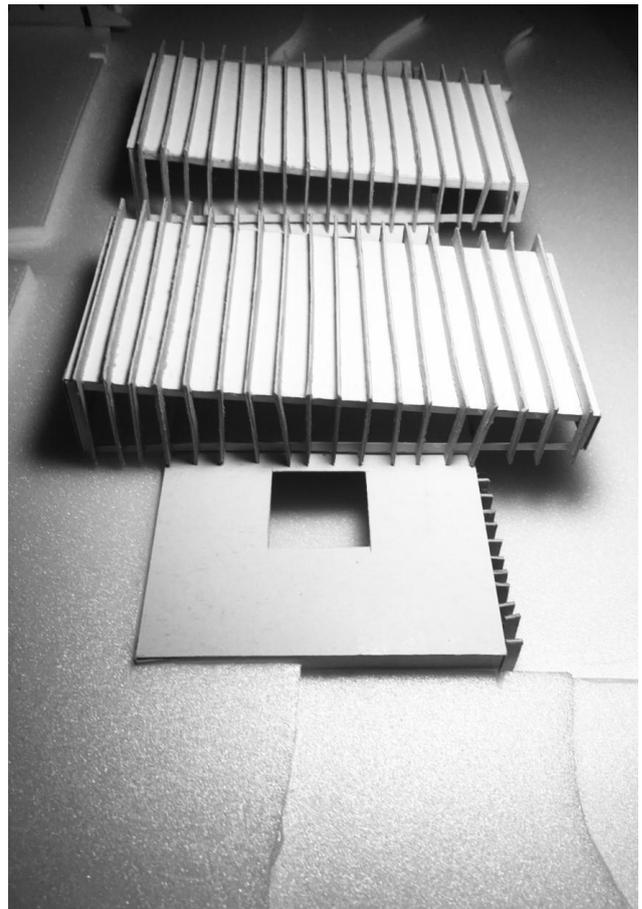
No piso -2, onde o edifício se encontra semienterrado estão presentes todas as zonas públicas e de lazer, já no piso -1, onde o edifício se encontra em balanço, encontram-se as zonas privadas, que apresentam algum destaque em termos de vistas tanto para o parque, como para a restante cidade. É de salientar que as coberturas foram pensadas de acordo com o terreno, já que foram desenhadas a partir do declive do mesmo, tendo a sua inclinação como objetivo facilitar o escoamento das águas no período de inverno quando ocorrerem intempéries (figura 65).

Como parte do edifício se encontra enterrado, tendo por consequência apenas uma frente de luz, foram criados pátios interiores, inseridos nas zonas de circulação, que não só permitem iluminar as divisões que se situam na parte interior da construção, mas ao mesmo tempo transmitem ao visitante uma proximidade com a natureza. Para interligar os blocos e permitir assim circulação interior, foram pensados túneis que fazem a ligação do bloco novo com as outras infra estruturas possibilitando aos hóspedes mais do que um acesso, não havendo necessidade deste ter de se deslocar pelo exterior nas estações mais frias do ano, contribuindo para o seu conforto e agregando os três blocos como se de apenas um se tratasse.

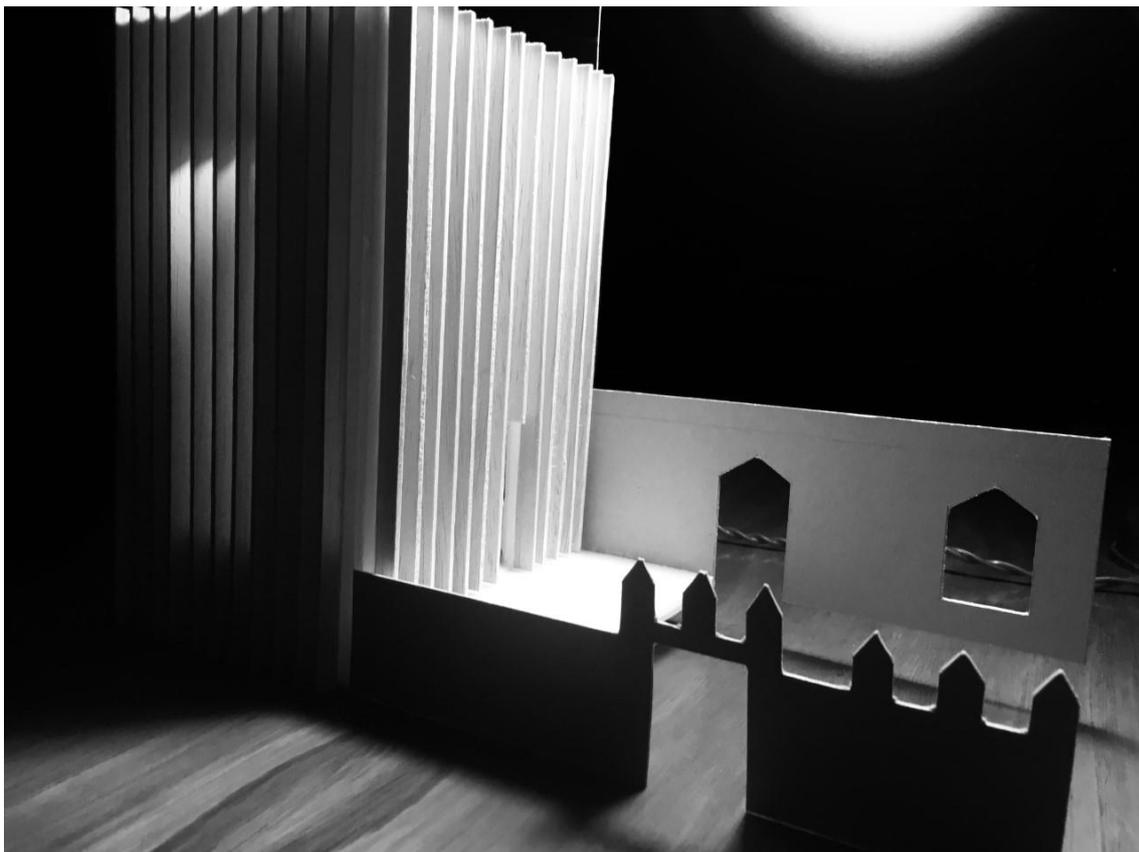
Por fim, foi estudada uma métrica nos espaços em que se pretendia abrir vãos, sendo usado um ripado em madeira (inspirado no castelo de Trancoso/ época medieval) que cria zonas de sombreamento que podem ser fixos como é o caso das zonas públicas, isto é zonas de refeitório e piscina, ou rotativos no caso das suites proporcionando ao hóspede controlo e privacidade no que se refere ao seu quarto. Este ripado tem também a capacidade de criar diferentes jogos de luz que variam com o passar do dia (figuras 66 e 67).



**Figura 66- Tânia Silva Pereira. Primeira Maqueta de Estudo. Fonte: (Autora, 2019)**



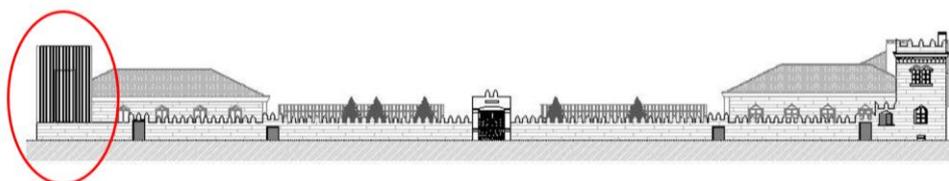
**Figura 67 - Tânia Silva Pereira. Primeira Maqueta de Estudo. Fonte: (Autora, 2019)**



**Figura 68 - Tânia Silva Pereira. Segunda Maqueta de Estudo. Fonte: (Autora, 2020)**

Pretende-se criar uma narrativa para quem visite a pousada, de modo a conceder ao visitante a possibilidade de “escolher” entre o passado e o futuro, pois quem tiver intenção de ficar alojado nas casas rehabilitadas irá usufruir de um conforto clássico, enquanto que quem se alojar no edifício novo sentirá um conforto contemporâneo.

Este foi um projeto estudado desde o início para levar o convidado a “viajar” entre dois séculos de história, isto é, duas épocas distintas, princípio do século XX, de onde são originárias as casas, e atual século XXI com a infraestrutura de inspiração contemporânea. Foi a partir desta premissa que se tentou aliar o estilo contemporâneo com a arquitetura do existente criando um equilíbrio entre ambos, como se pode demonstrar no alçado principal, em que a torre concebida de raiz se assume, não desrespeitando o edifício em que se encontra inserida (figuras 68 e 69).



**Figura 69 - Tânia Silva Pereira. Alçado Principal com Torre Proposta. Fonte: (Autora, 2020)**

## 5.2 Programa

Programaticamente a proposta tenta seguir uma organização simples e clara de acordo com a análise do terreno e suas implantações, passando sobretudo por simetrias que definem espaços e subsequentemente as suas funções (figura 70). Começando no piso -2 (piso semienterrado), a entrada é realizada através da rua Calouste Gulbenkian onde se encontra o estacionamento exterior. Uma métrica de vãos envidraçados, conduzem o visitante até ao grande foyer onde se situa a receção da pousada e se realiza a distribuição para as restantes áreas. Dessa forma, o piso em questão é composto por todas as áreas públicas/lazer como: ginásio (vermelho), piscina interior (azul escuro), spa (verde escuro), balneários (lilás), instalações sanitárias (violeta), restaurante (salmão), cozinha (amarelo) e sala multiusos (laranja). Neste piso, também se encontram as áreas técnicas como é o caso da casa das máquinas/lavandaria (cinza) e vestiários para os trabalhadores da pousada (lilás). Os túneis existentes neste piso têm a particularidade de servir de paredes expositivas que traduzem a história da Villa Cruz e que se interliga inevitavelmente com a história de Trancoso e o seu desenvolvimento, conduzindo o visitante às casas senhoriais (castanho).

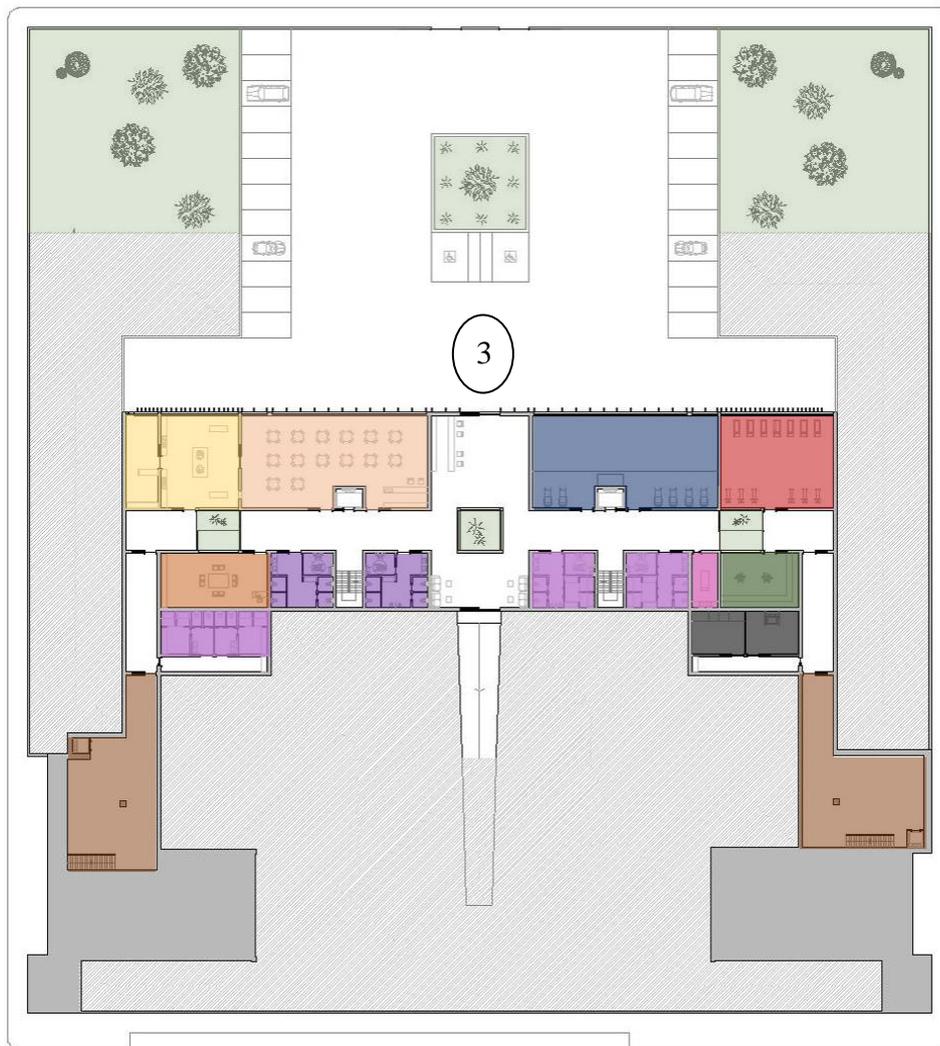
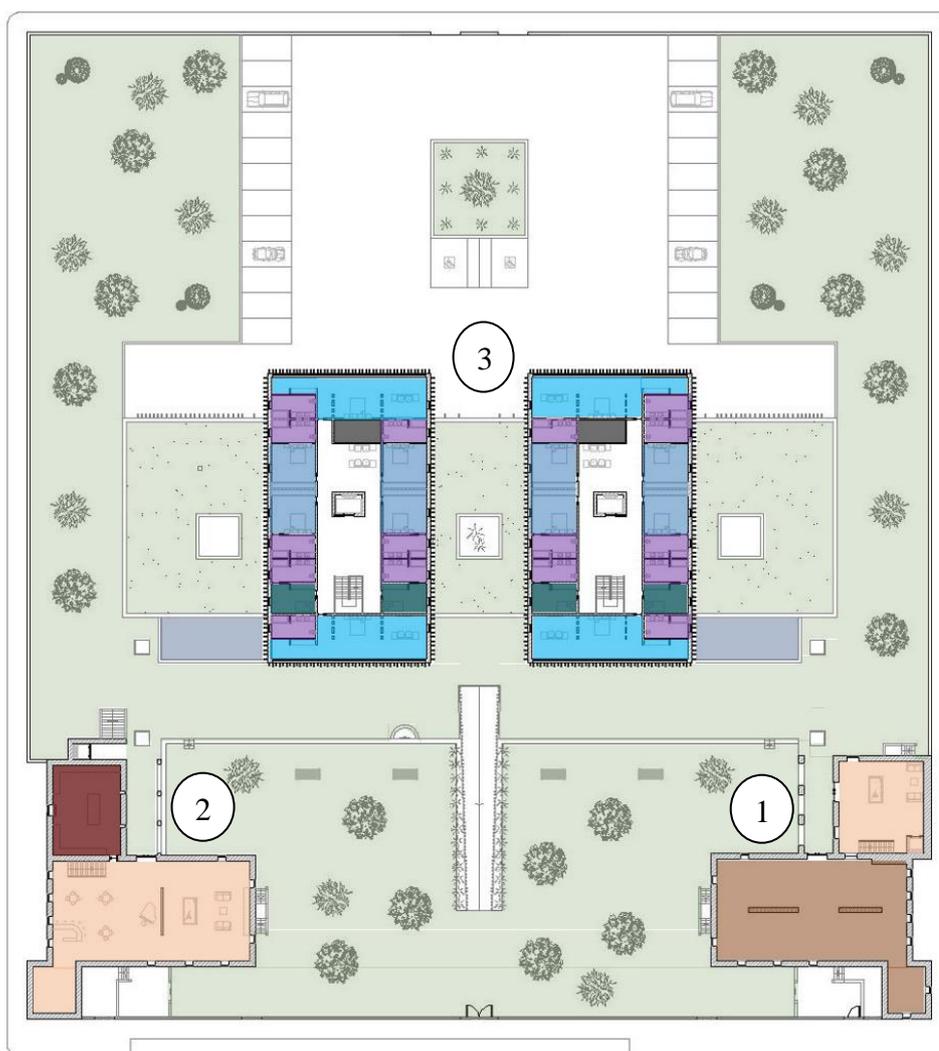


Figura 70 - Tânia Silva Pereira. Planta Proposta Piso -2. Fonte: (Autora, 2020)

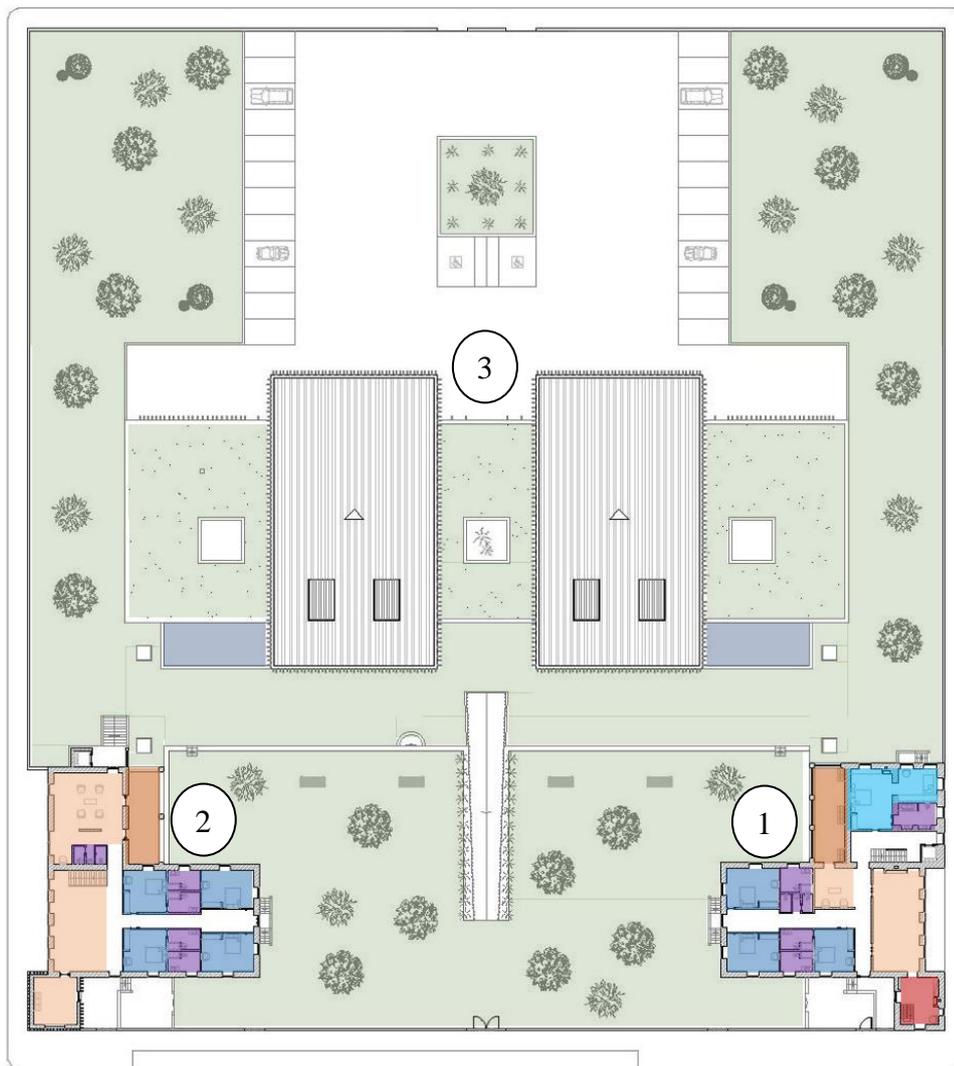
O acesso ao piso -1 do edifício construído de raiz é realizado através de comunicações verticais e elevadores. Este piso é composto por dois blocos independentes, mas idênticos, onde se situam os quartos (figura 71). Existem vários tipos de quartos, que são escolhidos de acordo com a necessidade e gosto de cada hóspede. Os mesmos variam desde suites (azul turquesa) que contam com closet e zona de estar, em que as vistas são privilegiadas (parque e restante cidade), quartos de casal (azul claro) e quartos individuais (azul petróleo) em que todos possuem uma wc privativa com condições para mobilidade reduzida.

No piso -1 referente às casas, existe a área de cave, em que no edifício 1 a mesma foi aproveitada para ala de museu para exposições temporárias (castanho) e no edifício 2 uma zona de lazer, com bar (salmão). É de destacar que como este edifício tem uma divisão de acesso direto à Avenida das Tílias, esse espaço foi aproveitado e pensado para ser uma loja aberta ao público de produtos regionais que dignifique a cidade e a sua tradição, que pode ser usada tanto pelos hóspedes da pousada como por qualquer outro turista (cor de vinho).



**Figura 71 - Tânia Silva Pereira. Planta Proposta Piso -1. Fonte: (Autora, 2020)**

No piso 0 do edifício 1, existem também vários tipos de quartos, que variam desde os de casal (azul claro) a um quarto pensado para famílias (azul turquesa), isto é um casal com filhos. Os quartos em questão tentam manter uma linha clássica, em que os pormenores dos tetos e o mobiliário transportam o visitante até ao início do século XX. Este piso, conta também com um salão (salmão), uma zona de estar com acesso à marquise (laranja) que tem como função servir de espaço de descontração enquanto se aprecia as vistas para o parque centenário. Por sua vez, o local da torre foi pensado como um espaço de biblioteca (vermelho), concebendo ao visitante um espaço de retiro e descanso (figura72).

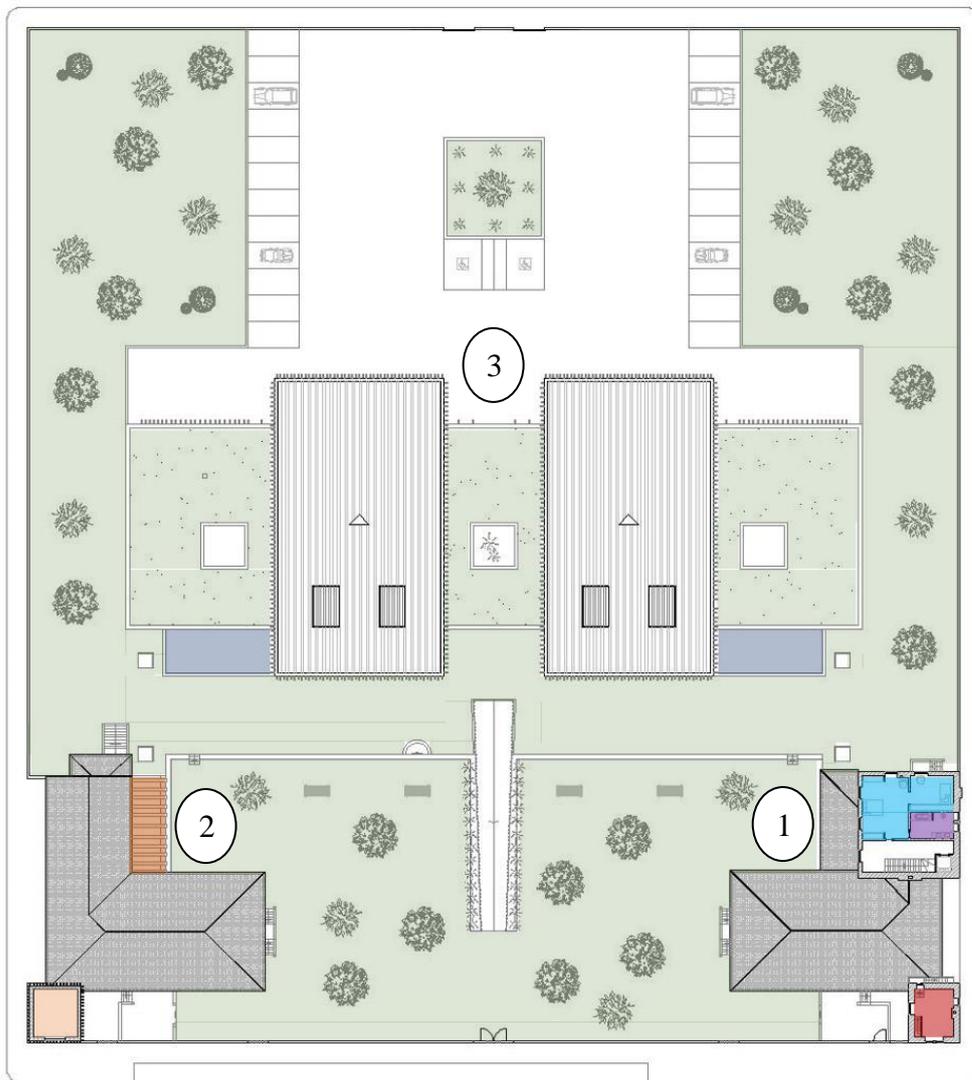


**Figura 72 - Tânia Silva Pereira. Planta Proposta Piso 0. Fonte: (Autora, 2020)**

No que diz respeito ao mesmo piso do edifício 2, a programática é idêntica à do anterior, tendo quatro quartos, um salão e uma zona de estar, onde se propôs a criação de um alpendre semelhante à marquise do outro edifício para zona de lazer. Este alpendre conta com um elemento de pérgulas em madeira, onde se utilizam ripas utilizadas no restante projeto que conferem zonas de sombreamento. (figura 72).

Neste edifício foi também criada uma torre (salmão), com as mesmas proporções da existente no edifício 1, mas com um estilo contemporâneo que se destaca pelo seu duplo pé direito no interior com claraboia, que propõe um espaço de descanso e de hall de entrada para o edifício em questão (figura 73).

No último piso do edifício 1, existe mais um quarto familiar (azul turquesa). Ainda neste piso, a torre serve de miradouro (vermelho) de forma ao visitante poder contemplar as vistas para esta incrível cidade medieval (figura 73).



**Figura 73 - Tânia Silva Pereira. Planta Proposta Piso 1. Fonte: (Autora, 2020)**

Sendo assim, e no que diz respeito às preexistências, as mesmas foram mantidas ao máximo, sempre que possível, de forma a preservar a sua função. As casas dos caseiros são a única exceção, já que se optou pela sua demolição, dado o agravado estado de conservação em que se encontravam, mas também por se tratarem de pequenos anexos que só poderiam funcionar como arrumos. Já que o edifício a construir inclui no seu programa áreas destinadas a arrumos e casas das máquinas, não fazia sentido se manterem as casas em questão para o mesmo efeito. Por fim, é de ressaltar que toda a proposta garante o acesso a mobilidade reduzida a todos os pisos através de sistemas de rampa e elevadores.

### **5.3 Memória Descritiva e Justificativa**

Refere-se a presente Memória Descritiva e Justificativa ao projeto de reabilitação de uma Pousada destinada ao Turismo situada na freguesia de Santa Maria, concelho de Trancoso.

O lote de terreno com a área total de 8827 m<sup>2</sup>. O acesso à propriedade é realizado a partir de arruamentos existentes tendo como acesso principal o a nacional N226, conhecida também como Rua Dr. Castro Lopes, e estando todos os arruamentos previstos no loteamento já realizados e devidamente infraestruturados, pelo que o acesso à pousada poderá ser realizado diretamente a partir de qualquer um deles (Rua Dr. Castro Lopes; Rua dos Bombeiros Voluntários; Avenida Calouste Gulbenkian e Avenida das Tílias).

O lote de terreno da pretensão faz parte da Zona Especial de Proteção localizando-se numa das áreas expansão da cidade, sendo a envolvente essencialmente caracterizada pelo núcleo histórico da cidade onde as construções existentes são moradias e serviços, predominando a edificação de baixa volumetria.

O terreno, que apresenta uma topografia com um desnível natural de cerca de 7 m, encontra-se desobstruído de qualquer tipo de obstáculo prevendo-se apenas os movimentos de terras necessários para a realização de fundações, do piso -2 (semienterrado), túneis de acesso às casas existentes, rampa pedonal de acesso ao piso -2, e execução dos muros de vedação, conforme o apresentado nas peças desenhadas (ver anexos).

Quanto à edificação proposta, trata-se de uma pousada sendo, portanto bastante personalizada, tendo sido abordados alguns aspetos numa perspetiva de satisfação do utilizador, mantendo o foco na reabilitação do existente (sem descorar a sua importância), procurando sempre que possível, uma sintonia com os instrumentos de planeamento preconizados para o local. Com uma imagem marcadamente contemporânea, a construção desenvolve-se em dois pisos: um semienterrado referente ao piso -2, assumindo em geral um volume puro em forma de paralelepípedo e outro (piso -1) que se fragmenta em dois corpos que se sobrepõem a este.

A divisão volumétrica atendeu essencialmente à separação entre duas zonas: no piso -2, onde se situam todos os compartimentos de uso social e no piso -1, áreas de uso mais privado. Interiormente os dois pisos permitem uma comunicação vertical entre si através de espaços destinados a circulação. Todos os compartimentos habitáveis têm abertura para o exterior, através de envidraçados, que seguem uma métrica entre eles, que criam jogos de luz através das suas brisas.

De modo a minimizar o impacto visual exterior que o edifício contemporâneo podia criar, optou-se por um dos pisos ser semienterrado (piso -2), assumindo ao nível da cota das casas em questão dois blocos que seguem o declive do terreno (piso -1), salvaguardando a imagem correspondente às casas (com uma altura de fachadas sempre inferior a 7,00m).

A construção será executada em estrutura convencional de betão armado descobrado à vista, sendo este material escolhido e usado em bruto, de forma a criar um diálogo entre as casas em pedra existente, pela sua cor e textura, sendo posteriormente aplicado um verniz de proteção incolor para lhe conferir algum brilho. Relativamente às brisas em madeira (fixas/rotativas) que serão usadas em toda a proposta a construir, optou-se por lhes atribuir alguma cor, criando dessa forma um certo contraste com a cor cinza das casas em pedra e o betão do edifício contemporâneo. A cor escolhida foi a “Sangue de Boi” (#E444 Cin) que irá facultar “vida” a toda a proposta, não desmerecendo o existente.

No que diz respeito aos arranjos exteriores, foi mantido o parque centenário circunscrito entre as duas casas, onde serão plantadas novas espécies arbóreas que irão conformar mais diversidade ao parque (cedros, pinheiros mansos, carvalhos, arbustos entre outros). Neste, pretende-se colocar bancos de jardim, onde os visitantes possam descansar em comunhão com a natureza.

No edifício 3, foram pensados espelhos de água que se situam na extremidade das coberturas ajardinadas que mantêm uma relação com a fonte existente e servem “de barreira” ao acesso da cobertura ajardinada. Esta cobertura ajardinada foi pensada de forma a proporcionar uma continuação do parque/natureza, com o objetivo que o edifício contemporâneo se insira o mais possível no terreno, criando um equilíbrio entre os existentes. O mesmo se refere à restante zona envolvente onde foram criados espaços de jardim com a plantação de árvores e colocação de grama ou relva, nomeadamente na parte posterior onde se situa o estacionamento exterior.

Já em relação à rampa exterior desenhada, a mesma adota os materiais do edifício construído de raiz, isto é, a colocação de ripas fixas em madeira à cor referida anteriormente que faz contraste com a envolvente e cria uma conexão com o verde que predomina na natureza. O mesmo se aplica à torre construída e às pérgulas aplicadas na nova marquise exterior do edifício 2.

Todo o lote será vedado com muros em betão armado, o portão principal da Villa Cruz (pedonal) em ferro de cor verde será e o portão posterior que permite o acesso de viaturas assim como

pedonal será do tipo de correr com abertura automatizada, em alumínio termo lacado e pintado a cor cinza (R7011).

### **5.3.1 Construção e Natureza dos Materiais a Aplicar (Generalidades)**

➤ Fundações:

A preparação da implantação do edifício 3, bem como dos edifícios 1 e 2, no que diz respeito aos túneis de acesso aos mesmos, que passará pela abertura da caixa de fundação destinada às plataformas e respetivos caboucos das sapatas. Serão abertos até ao firme assegurando-se a remoção e transporte dos produtos da escavação.

Laje maciça de ensoleiramento, sendo convenientemente hidro fugadas para efeito de impermeabilização, em betão armado, as fundações correspondentes aos pilares estruturais.

➤ Estrutura em Betão Armado:

Convencional em estrutura de pilares e lajes maciças.

➤ Estrutura e Paredes Exteriores:

De acordo com o previsto nas peças desenhadas, envolvendo a estrutura, serão em betão armado no que se refere ao edifício 3, de forma a respeitar as espessuras indicadas nas peças desenhadas. Já no edifício 1 e 2, serão mantidas as paredes exteriores existentes em granito como se pode comprovar a partir dos anexos.

➤ Isolamentos:

Nas paredes em contacto com o exterior dos edifícios, mais precisamente nas zonas onde se situam os quartos, será adotado um sistema de isolamento em placas duplas de gesso cartonado do tipo ba13 com a respetiva perfilaria de encaixe, intercalando o espaço entre a parede e a placa de gesso será aplicada lã de rocha tipo “arena apta” (45mm) e para finalizar as placas de gesso serão lixadas e pintadas com um revestimento acrílico RTA, dependendo das divisões com as cores “branco creme” (#D785), “rosa almagre” (#E121) e “terra coral” (#E198).

No que diz respeito ao teto falso, inserido no edifício 3 (piso -2), serão aplicadas placas de gesso cartonado placo do tipo ba13 (antifogo), com a respetiva perfilaria de encaixe, discriminado nos pormenores construtivos anexados. O teto falso será posteriormente pintado à cor “branco creme” (#D785).

➤ Paredes Interiores:

Serão edificadas em betão armado no edifício construído de raiz (edifício 3), com as espessuras variáveis entre (15 e 30cm), sendo o piso -2 utilizado o betão descobrado à vista com a aplicação do verniz de proteção incolor e no piso -1 pintadas à cor “branco creme” (#D785).

Nos edifícios 1 e 2, optou-se por utilizar blocos térmicos com a referência BTE 15, que confere um bom isolamento térmico e acústico, sendo ideal para a construção de paredes simples, finalizadas com reboco e pintadas às cores (mantendo as cores iniciais das divisões em questão) “branco creme” (#D785), “rosa almagre” (#E121) e “terra coral” (#E198).

No que diz respeito às instalações sanitárias, balneários, zonas técnicas e cozinha, as paredes dos edifícios serão revestidas a cerâmica.

No spa, o revestimento das paredes será em madeira lamelada com aplicação de verniz de proteção sendo o RAL (#E444).



**Figura 74 - CIN. RAL de Tintas Escolhidas para Proposta. Fonte: (CIN, 2020)**

➤ Pavimentos:

Nas zonas de edificação e sobre as lajes de fundação, será usado enrocamento, brita de regularização de 2,5 cm, sistema de drenagem com aplicação de tubo de dreno revestido com manta geotêxtil, betão armado com espessura de 20cm, isolamento em poliestireno extrudido com 5cm, camada de betão de regularização de 2,5cm e por fim o revestimento do piso em cerâmica variando o modelo de acordo com a tabela em anexo.

As lajes de piso são compostas por camada de betão armado com espessura de 28cm, isolamento em poliestireno extrudido de 5cm, camada de betão de regularização de 2,5cm, finalizadas com revestimento do piso em cerâmica.

➤ Caixilharias e Vidros:

De modo a preservar a identidade das casas existentes, as caixilharias serão substituídas mantendo-se fiel ao material em madeira de carvalho com aplicação de verniz de proteção à cor RAL (#E444) e vidros duplos incolores.

No edifício 3 optou-se por caixilharias em alumínio termo lacado à cor cinza, mais precisamente (Extrusal R7011) e vidros duplos por questões de conforto térmico e acústico, em que a caixilharia perfaz uma largura total de 5cm, em que os vidros duplos são de 1,5cm cada e caixa de ar de 2cm. Serão usados perfis de oscilo batente, de correr ou fixos com respectivos acessórios, a determinar em obra.

As portas de entrada do edifício em questão terão caixilharia semelhante com vidro duplo incolor em que as mesmas funcionam de forma automática. Já nos edifícios a manter, as portas de entradas têm como objetivo ser mantidas, sendo apenas aplicado verniz de proteção incolor.

De modo a conferir ventilação e luz natural a espaços que se achava oportunos, foram inseridas claraboias como é o caso da torre criada de raiz, na receção e nos pátios, sendo utilizados vidros laminado com espessura de 2cm, com caixilharia em alumínio termo lacado à cor cinza (Extrusal R7011). Nas claraboias que permitem entrada de luz direta aos túneis, foram usados vidros temperados laminados que permitem a possibilidade de circulação sobre os mesmos.

➤ Serrilharias:

O portão principal (pedonal) de ferro fundido, cor verde, de acesso à pousada (em que o acesso é realizado através da nacional N226, Rua Dr. Castro Lopes) será mantido, já que é símbolo da sua imponência, assim como os de dimensão menor existentes nesse alçado.

O portão posterior de acesso pedonal e de viaturas localizado na Rua Calouste Gulbenkian, será do tipo de correr com abertura automatizada, em painel sandwich com interior em poliuretano e exterior em chapa de alumínio termo lacado e pintado a cor cinza (R7011).

➤ Proteções Solares:

Os vãos exteriores terão como proteção solar estores interiores de rolo elétricos, com comando pelo interior, admitindo-se que algumas proteções solares de vãos de maior dimensão sejam executadas exteriormente através de brisas em madeira lamelada (40x10cm) com aplicação de verniz de proteção RAL (#E444), que funcionam de forma fixa ou rotativa. A escolha deste RAL recaiu pelo facto de se acreditar que as caixilharias das casas existentes eram outrora num tom semelhante, como se pode comprovar pela figura 59. Assim, optando por esta cor é possível aproximar ao máximo a proposta com a preexistência, mantendo as suas características, de forma a proporcionar um certo contraste entre cores (pedra, betão à vista e brisas), conferindo “vida” à proposta.



**Figura 75 - CIN. RAL de Tinta Escolhida para Exterior (Ripa de Madeira). Fonte: (CIN, 2020)**

➤ Muros:

Conforme especificado nas peças desenhadas o muro em pedra existente, no alçado principal, confiante com a nacional N226 – Rua Dr. Castro Lopes, será mantido e preservado com a traça original. Já os muros laterais e posterior com acesso pela Rua dos Bombeiros Voluntários, Avenida das Tílias e Rua Calouste Gulbenkian, serão executados em betão armado dada a degradação dos atuais.

➤ Portas Interiores e Carpintarias:

As portas interiores bem como armários roupeiros e closet serão madeira da marca "VICAIMA" série "Silver Oak".

➤ Escadarias Interiores:

As escadarias interiores serão construídas em betão armado devidamente revestidas almofada e espelho com degraus de mosaico, modelo Cinca, cor Cinza (9144), série "Mercury (27x130cm) ou (27x125cm), levará corrimões laterais em estrutura de aço inox polido, com pano de vidro incolor.

➤ Cobertura:

No edifício 3, existem dois tipos de coberturas: uma plana ajardinada e uma inclinada.

A plana ajardinada é constituída por: camada de betão armado com espessura de 40 cm, camada de betão de regularização de 2,5cm, colocação de isolamento em polistireno extrudido com 5cm de espessura, nova camada de betão de regularização de 2,5cm, sistema de drenagem com uso de tubo de dreno revestido com manta geotêxtil, tela pitonada 2,5cm, relva e terra vegetal compactada num total de 1,5cm e por fim uma platibanda em betão revestida com rufo de proteção metálico cor cinza.

Quanto à cobertura inclinada, esta é constituída por: camada de betão armado com espessura de 30 cm, camada de betão de regularização de 1,5cm, colocação de isolamento em polistireno extrudido com 5cm de espessura, nova camada de betão de regularização de 1,5cm, painel Sandwich Metecno (Ral 9006) e por fim uma platibanda em betão revestida com rufo de proteção metálico cor cinza.

Serão executadas de modo a que se assegure o escoamento de águas pluviais para as caixas sumidouros e destas diretamente ao exterior.

Já nos edifícios existentes, manteve-se a traça original das coberturas, sendo agora usada uma estrutura em betão armado de 15cm, isolamento em fibran de telhado xps de 5cm e posterior colocação de telha vermelha hidro fugada modelo F2 (Coelho da Silva).

### Infraestruturas e Equipamentos a Instalar

#### ➤ Climatização e Ventilação:

Todas as divisões que não possuam ventilação direta do exterior (instalações sanitárias/zonas técnicas) serão ventiladas através de colocação de tubagem específica para o efeito, do mesmo modo a cozinha levará evacuação de fumos até à cobertura.

O aquecimento/ arrefecimento dos edifícios, é assegurado através de um sistema de climatização de ar condicionado com bomba de calor inverter scroll de condensação de ar, versão split SEHVX-AAW

O aquecimento das águas é assegurado através de painéis solares instalados na cobertura do edifício 3, do tipo op-v4.5-al.

## 6. Conclusão

Como se sabe, os edifícios mais antigos têm tendência para apresentar níveis de degradação mais elevados, devido à falta de manutenção e preservação, em consequência de questões sociais e económicas. Dessa forma, a inexistência de zelo por parte dos proprietários ou entidades competentes agrava com o passar dos anos o estado de conservação dos edifícios, revelando mais e mais carências no que a ele diz respeito.

É nesta narrativa que entra a prática da reabilitação, já que graças a ela se consegue combater a deterioração com vista a salvaguardar o valor cultural e a identidade de cada edificado. Para a correta execução desta prática é fundamental o conhecimento e respeito pela pré-existência de modo a adotar técnicas que cumpram certos princípios, mantendo a autenticidade e memória destes.

Posto isto, foram abordados alguns casos de estudo que se entenderam úteis para o entendimento da prática referida, já que mostram que é possível reabilitar um edifício, adaptando-o às necessidades atuais, sem descorar a história por detrás de cada um.

Dado que cada edifício merece ser visto como único, deve ser estudado individualmente para que se percebam os seus problemas e se consigam encontrar soluções que preservem a sua integridade. Foi assim que foi vista a Villa Cruz, que passou por uma análise histórica e cultural para que se conseguissem perceber as suas necessidades.

Desse modo, com a proposta de reabilitação da Villa Cruz, pretende-se recuperar “a vida” destas casas senhoriais de forma a proporcionar bem-estar e comodidade a quem a visitar, de modo a que esta intervenção no presente viabilize o futuro e a história do passado. Tendo esse pensamento como ponto de partida, o objetivo deste projeto é reabilitar as casas existentes, o que será bem visto pelos habitantes e autarquia, já que a Villa Cruz é um dos edificados que se encontra inserida nos planos de delimitação para intervenção, por se encontrar localizada na zona especial de proteção da cidade.

O projeto propõe uma pousada de traços contemporâneos que se irá “fundir” com as casas pré-existent de modo a atrair mais população para esta cidade medieval, que é considerada uma das mais antigas de Portugal.

## 7. Bibliografia

ALVES, Jorge, *Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa – Camilo Rebelo e Tiago Pimentel*, Archdaily, 2012. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel?ad_medium=gallery) [acedido a 17 de outubro de 2020].

BRANDÃO, Maria Viterbo, *Pousadas de Portugal – Três Estudos de Caso: Pousadas de D. Dinis, Santa Marinha da Costa e Santa Maria do Bouro*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2001. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/18613/2/4892TMO1PMarianaViterboBrandoo000080539.pdf> [acedido a 19 de outubro de 2020].

CANNATÁ, Michèle; FERNANDES, Fátima, *Construir no tempo, building upon time*. Catálogo da Exposição. Estar – Editora, Lisboa, 1999.

Carta de Lisboa, *Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada, 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa*, Lisboa, 1995.

Carta de Veneza, *Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios, 2º Congresso Internacional dos Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos*, 1964.

Câmara Municipal de Trancoso, *Proposta de Delimitação: Área de Reabilitação Urbana, Centro Histórico de Trancoso: Memória Descritiva e Justificativa*. Trancoso: Câmara Municipal de Trancoso, 2015. Disponível em: [https://www.cm-trancoso.pt/wp-content/uploads/2016/05/Proposta-de-Demilitacao\\_MD.pdf](https://www.cm-trancoso.pt/wp-content/uploads/2016/05/Proposta-de-Demilitacao_MD.pdf) [acedido a 14 de outubro de 2020].

CARREGADO, André Filipe Sequeira, *Projeto de reabilitação do antigo palacete da família Feu Guião*, Vol.1, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

CRESPI, Giovanna, “Il nuovo si prende cura dell’antico. Gonçalo Byrne e il castello di Trancoso”. Em s.n., *Casabella*(830), 2013, pp. 44-51. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5b4756d84eddec2dcb823f38/t/5c9a07639b747a147e3dbd42/1553598359166/Casabella+830.pdf> [acedido a 14 de outubro de 2020].

CONCEIÇÃO, Margarida, *Castelo e Muralhas de Trancoso/ Castelo e Cerca Urbana de Trancoso*, SIPA, 1992-1998. Disponível em:

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056) [acedido a 25 de outubro de 2020].

GUERREIRO, Duarte; BOBONE, Vasco (coord.), *Pousada de Santa Maria do Bouro*. Enatur, S.A, Lisboa, 1997.

GUIA EXPRESSO das Pousadas e Hotéis de Sonho. Vol. 1. Edição Expresso, Lisboa, 2001.

GOP, Gabinete de Organização e Projetos, *Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa*, 2010. Disponível em: <http://www.gop.pt/projecto-detalle.php?projecto=294&catProj=3&ordem=2> [acedido a 17 de outubro de 2020].

MARTINS, António Ernesto de Deus, *Reabilitação da Quinta da Graça para “Hotel de Charme”*, Faculdade de Arquitetura Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010.

MOURA, Eduardo Souto, “Santa Maria do Bouro, uma história contínua” cit. por LEÓN, Juan; COLLOVÀ, Roberto; FONTES, Luís – *Santa Maria do Bouro: Eduardo Souto de Moura: Construir uma pousada com as pedras de um mosteiro*. Lisboa, 2001.

Museu Nacional de Arqueologia, *Projeto do Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa – Propostas do Concurso Público, 2004-2005*. Disponível em: <http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=4040> [acedido a 17 de outubro de 2020].

NOÉ, Paula; GUIMARÃES, Maria & GONÇALVES, Joaquim, *Mosteiro de Santa Marinha da Costa/ Igreja Paroquial da Costa/ Pousada de Santa Marinha*, SIPA, 1998-2005. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=5679](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=5679) [acedido a 25 de outubro de 2020].

Património Cultural, Direção Geral do Património Cultural, *Museu do Côa*, 2014. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-do-coa/> [acedido a 17 de outubro de 2020].

REBELO, Camilo & PIMENTEL, Tiago, *Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa*, Ficha Técnica, Obra 2, Ordem dos Arquitetos, Ciclo de Formação Construir em Betão, 2006. Disponível em: [http://www.oasrn.org/construirem/uploads/areareservada/areareservada6/03.4de4\\_museu\\_c\\_oa\\_ficha\\_tecnica.pdf](http://www.oasrn.org/construirem/uploads/areareservada/areareservada6/03.4de4_museu_c_oa_ficha_tecnica.pdf) [acedido a 17 de outubro de 2020].

SAMPAIO, Cátia, *Reabilitação e Reversão de usos de Santa Maria de Refóios do Lima e Santa Maria do Bouro*. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2011-2012. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Reabilita%C3%A7%C3%A3o-e>

[reconvers%C3%A3o-de-usos.-Santa-Maria-de-Sampaio/69ffcab1ffe2b2b7fcobb2dod326ddc219c987b1?p2df](https://www.passeidireto.com/arquivo/57998271/manual-de-reabilitacao-e-manutencao-de-edificios) [acedido a 19 de outubro de 2020].

SALDANHA, Pedro Quadros, *Trancosanos: história & genealogia, séculos XVI-XIX*, vol.2. Méda: Casa da Prova, 2010.

SALDANHA, Pedro Quadros, *Trancoso, uma monografia: a vila, o seu campo, o seu aro e as suas freguesias*. Trancoso: Município de Trancoso, 2016.

SOUSA, Inês Filipa Nunes, *Princípios da Reabilitação de Edifícios. A aplicação a casos de estudo*, Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Lisboa, 2016.

TAVARES, Alice; COSTA, Aníbal & VARUM, Humberto, *Manual de Reabilitação e Manutenção de Edifícios – Guia de Intervenção*, Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/57998271/manual-de-reabilitacao-e-manutencao-de-edificios> [acedido a 17 de outubro de 2020].

TÁVORA, Fernando, *Documentário sobre a vida e obra do arquiteto Fernando Távora, incluindo entrevista com o próprio e depoimentos dos arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Álvaro Siza Vieira*, RTP Arquivos, 2001. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/fernando-tavora-2/> [acedido a 17 de outubro de 2020].

TEIXEIRA, Inês, *Explorar as Aldeias Históricas – Trancoso*, Colectiva, 2020. Disponível em: <https://colectiva.pt/2020/01/25/explorar-as-aldeias-historicas-trancoso/> [acedido a 17 de outubro de 2020].

VENDA, Cátia Filipa Fidalgo de Sousa, *Reabilitação e reconversão de usos: o caso das pousadas como património*, Instituto Superior Técnico de Lisboa, Lisboa, 2008.

## 8. Anexos

### Peças Desenhadas:

Desenho 01 – Planta de Localização; Escala: 1/1000 (Fonte: Autora)

Desenho 02 – Planta de Implantação; Escala 1/500 (Fonte: Autora)

Desenho 03 – Planta Existente (Piso -1); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 04 – Planta Existente (Piso 0); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 05 – Planta Existente (Piso 1); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 06 – Planta Existente (Cobertura); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 07 – Cortes Existente (A e D); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 08 – Cortes Existente (G, H e I); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 09 – Alçados Existente; Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 10 – Alçados Existente; Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 11 – Amarelos e Vermelhos Planta (Piso -2); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 12 – Amarelos e Vermelhos Planta (Piso -1); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 13 – Amarelos e Vermelhos Planta (Piso 0); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 14 – Amarelos e Vermelhos Planta (Piso 1); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 15 – Amarelos e Vermelhos Planta (Cobertura); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 16 – Amarelos e Vermelhos Cortes (A e D); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 17 – Amarelos e Vermelhos Cortes (C); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 18 – Amarelos e Vermelhos Alçados; Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 19 – Amarelos e Vermelhos Alçados; Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 20 – Plantas Finais da Proposta (Piso -2); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 21 – Plantas Finais da Proposta (Piso -1); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 22 – Plantas Finais da Proposta (Piso 0); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 23 – Plantas Finais da Proposta (Piso 1); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 24 – Plantas Finais da Proposta (Cobertura); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 25 – Plantas Finais da Proposta Cotadas (Piso -2); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 26 – Plantas Finais da Proposta Cotadas (Piso -1); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 27 – Plantas Finais da Proposta Cotadas (Piso 0); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 28 – Plantas Finais da Proposta Cotadas (Piso 1); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 29 – Cortes Finais da Proposta (A e B); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 30 – Cortes Finais da Proposta (C e D); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 31 – Cortes Finais da Proposta (E, F e G); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 32 – Cortes Finais da Proposta (H, I e J); Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 33 – Alçados Finais da Proposta; Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 34 – Alçados Finais da Proposta; Escala 1/200 (Fonte: Autora)

Desenho 35 – Pormenores Construtivos da Proposta; Escala 1/50 (Fonte: Autora)

Desenho 36 – Pormenores Construtivos da Proposta; Escala 1/50 (Fonte: Autora)

Desenho 37 – Pormenores Construtivos da Proposta; Escala 1/50 (Fonte: Autora)